

J . B A R T O N M I T C H E L L



BAÍA
INVERNAL

SAGA DA
TERRA CONQUISTADA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J. BARTON MITCHELL

BAÍA INVERNAL

Saga da terra conquistada



Copyright © 2012 J. Barton Mitchell.

Capa: Lisa Marie Pompilio
Produção de ebook: S2 Books

1ª edição digital - 2014
ISBN Digital: 978-85-64850-88-0

Mira Toombs fugiu da Cidade da Meia-Noite, deixando para trás sua casa e seus amigos, numa tentativa desesperada de reparar os danos causados pelo Artefato feito para enfraquecer a Estática. Essa é uma viagem que vai levá-la a Baía Invernal, uma cidade nostálgica, construída sobre um lago congelado. Um lugar de segredos e conspirações – e ainda mais perigoso para Mira do que a Cidade da Meia-Noite. Baía Invernal é o último reduto do Mundo Anterior, um lugar onde os artefatos das Terras Estranhas são proibidos, e onde ser Bucaneiro significa uma sentença de morte. Para conseguir o que precisa, Mira é obrigada a fazer uma troca arriscada. Algo que vai levá-la para os recantos gelados da cidade, onde seu maior e mais temerário segredo é guardado por uma Máquina letal, que, segundo dizem, apenas uma pessoa pode desarmar. A única pessoa cuja presença não é permitida entre as muralhas bem protegidas da cidade.

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Atrasada](#)

[A estática](#)

[Limites](#)

[Gelo e névoa](#)

[Baía invernal](#)

[Armitage](#)

[Lembranças](#)

[Os submotores](#)

[O buraco](#)

[Uma ideia](#)

[Necessidades](#)

[Confiança](#)

[A máquina](#)

[O id](#)

[A estação clinton](#)

ATRASADA

MIRA TOOMBS ESTREMECEU quando as janelas grossas e enegrecidas do prédio explodiram de fora para dentro e o zumbido de motores compactos encheu o ar. Seis Espiões, mecanismos cilíndricos do tamanho de bolas de futebol e impulsionados por pequenos motores turbinados, irromperam dentro do prédio, seus olhos robóticos já varrendo o local em busca de alvos. Os Espiões podiam voar e se espremer em espaços estreitos onde grande parte dos Confederados maiores não podia chegar, e também tinham canhões de plasma pequenos mas letais. Do lado de fora se ouviam os trinados eletrônicos e distorcidos dos caminhantes Louva-a-deus e seus passos poderosos golpeando o chão enquanto contornavam o edifício.

Eles estavam numa grande encrenca.

– Anda logo! – Mira gritou, abaixando-se atrás de uma bancada de trabalho cheia de chaves inglesas empoeiradas e olhando para a sua esquerda.

Topher ainda estava lá, os olhos arregalados de terror fixados nela. Mira não o censurava por isso. O garoto era inteligente e habilidoso, bom em tudo o que fazia, mas mais jovem do que ela, beirando os 14 anos. A Estática ainda não tinha começado a cobrir os olhos dele. Das cinco pessoas que tinham vindo até ali, ele e Mira eram os únicos que restavam.

– Tem que ser agora, Topher! – Mira gritou com urgência. Os olhos dele estavam focados outra vez. O garoto assentiu com a cabeça, respirou fundo e se lançou para fora do esconderijo.

Mira viu que ele ainda estava com a peça, a grande calota metálica que tinham vindo buscar. Ela só esperava que Topher a segurasse firme ou nada daquilo teria valido a pena.

O zumbido dos Espiões ficou mais furioso quando o viram. Os canhões das maquininhas se abriram e dispararam uma sucessão de jatos de plasma calcinantes na direção do garoto, enquanto ele corria.

Eles estavam numa antiga loja de ferragens no meio da antiga cidade de Des Moines. O lugar estava abandonado desde a invasão, suas máquinas em silêncio, com as peças espalhadas no chão. Brocas, serras, furadeiras, soldadores, tornos, todos abandonados e cheios de poeira, compondo um circuito de obstáculos em miniatura, cheio de pontas afiadas e bordas irregulares. E Topher estava correndo na direção de tudo isso, ao mesmo tempo que desviava dos tiros dos Espiões.

Mira olhou para a estranha combinação de objetos na sua mão: uma pilha C, uma bobina de fio de cobre, quatro moedas e outros objetos, tudo preso com fita adesiva. Projetando-se de uma abertura na lateral, havia um pequeno e delicado frasco de vidro, contendo um pó escuro.

Limalha de ferro.

Mira poderia ter usado um ímã sólido, mas queria ter mais controle quando a combinação passasse pela Interfusão. O problema era que ela tinha sido obrigada a fazer a combinação com moedas grandes, o que significava que o artefato seria poderoso. Realmente poderoso. E num ambiente como aquele...

Um assobio alto e fragmentado do outro lado da loja chamou a atenção de Mira. Quando olhou, ela viu o que a esperava: um laser queimava pelo lado de fora as portas trancadas, cortando-as no sentido do comprimento como se fossem feitas de papelão.

Os Louva-a-deus estavam cortando as portas, e se eles entrassem...

Mira olhou e viu Topher correndo na direção da carcaça de um carro velho e enferrujado no meio da loja. Ele se lançou desesperadamente para dentro, pelo vão da porta do motorista, e foi seguido por uma rajada de jatos de plasma.

Topher estava fazendo a parte dele: dando tempo a ela. E Mira tinha que fazer valer a pena.

Ela respirou fundo... em seguida quebrou com o polegar o frasquinho de vidro da combinação e o atirou na direção do centro da loja.

Houve um clarão brilhante e um zumbido alto, que aumentava à medida que todos os artefatos se interfundiam numa nova combinação. O ar oscilou por um instante... em seguida explodiu violentamente num pulso luminoso de energia que fez surgir um orbe giratório de luz.

Instantaneamente, tudo começou a tremer em torno de Mira, e ela sabia que não era o chão, nem mesmo o prédio. Era tudo que havia dentro dele – pelo menos tudo que era feito de metal.

Chaves, porcas, parafusos, martelos, chaves de fenda: a poeira se espalhou pelo ar quando todos começaram a vibrar, deslizar e se desprender de seus suportes nas paredes, atraídos para o orbe pulsante no centro da sala.

Um martelo se soltou e voou para a frente, quase atingindo Mira. Em seguida, uma chave de fenda. Mais dois alicates. Uma chave-inglesa começou a deslizar na direção do centro da sala. Uma revoada de pregos explodiu no ar, saída de dentro de um armário, e zumbiu como um enxame de abelhas em direção à esfera flutuante. Chegando ali se chocou contra sua superfície, forçando caminho para dentro e assumindo uma forma circular compacta, unidos por

uma força irresistível, cada vez mais poderosa, que continuava a atrair as peças metálicas para si.

Era um Magnatron, uma combinação de artefatos capaz de criar um poderoso campo magnético que agora atraía cada peça de metal do lugar, o que significava que também estava atraindo outra coisa...

Os próprios Espiões.

As turbinas das pequenas máquinas flutuantes gemiam ao tentar resistir ao poder de atração do artefato, mas este era forte demais. Como todo o resto, os aparelhinhos foram lentamente puxados em direção a ele.

Mira não teve tempo de se parabenizar. Ela tinha minutos, não mais do que isso.

Olhou para a direita, em meio à tempestade insana de ferramentas e peças de metal que voavam pelos ares, na direção do outro lado da loja, onde tinha deixado o Portal sobre uma mesa. Outra combinação de artefatos, a única passagem que tinham para fora dali.

Mira tinha feito dois Portais antes de fugir da Cidade da Meia-Noite, e este estava enrolado numa corrente de prata que brilhava à luz do sol, filtrada pelas vidraças quebradas. O bom era que seria fácil localizá-lo. O ruim é que ela só tinha uma chance para fazer isso.

Mira podia ver o Portal começando a vibrar quando o campo do Magnatron o atingiu... Em seguida ele se lançou no ar. Mira ficou de pé num salto e correu, soltando um gemido quando uma caixa de ferramentas vazia se chocou contra ela, fazendo-a cambalear. De algum jeito, conseguiu manter o equilíbrio.

O Portal voava pela loja. Mira saltou para a frente e... pegou o artefato no ar com a mão esquerda, batendo com tudo no chão ao cair e deslizando pelo piso até se chocar contra a base de uma velha

prensa. Encolhendo-se de dor, ela olhou para cima e viu Topher correndo na direção dela em zigue-zague, esquivando-se dos detritos que voavam.

As turbinas dos Espiões gemiam e zumbiam, tentando resistir à atração do Magnatron. Não adiantava, a força era poderosa demais.

As maquininhas, uma por uma, chocaram-se contra o centro da pilha crescente de escombros metálicos. Mira assistiu com satisfação à medida que se desintegravam numa chuva de faíscas, enterrando-se no interior da bola de entulho cada vez maior que pairava no ar.

Mas o laser na outra extremidade da loja já tinha quase acabado de cortar a porta.

Mira bateu o Portal no chão e deslizou um aro metálico de moedas, todas elas com o lado da Coroa voltado para fora. Outro clarão, outro zumbido... e então a coisa pulsou com força.

Um buraco de luz rasgou o ar, formando um círculo perfeito e luminoso. Não dava para ver o outro lado, era preciso apenas ter fé de que ele estava lá. Claro que se não estivesse...

As portas da frente do prédio se partiram. Os Louva-a-deus tinham acabado de cortá-las. Mira podia ouvir seus silvos eletrônicos irritados, sabia que estavam invadindo a sala, suas miras a laser se projetando da carapaça metálica.

– Topher! – gritou Mira, levantando-se. Ele estava quase lá, correndo através de todos os detritos que voavam, cobrindo a cabeça com as mãos. Mira sorriu. Surpreendentemente, eles estavam conseguindo...

Topher gemeu quando uma chuva de soquetes golpeou seu corpo várias vezes, como uma enxurrada de socos. Seu corpo girou e ele caiu no chão, a grande calota se soltando dos seus braços e rolando para longe.

Atrás dela, Mira ouviu os Louva-a-deus se aproximando. O Portal estava lá, ela poderia saltar através dele... mas isso significava deixar Topher para trás, junto com a peça que tinham ido buscar.

– Droga! – Mira franziu a testa. Por que nada era fácil?

Quando ela saltou do esconderijo, o ar estava infestado de jatos de plasma sibilantes, destroçando armários e ferramentas velhas dentro da loja, zunindo sobre a cabeça de Mira enquanto ela corria. Um martelo atingiu seu braço direito e a fez se chocar contra uma bancada. Ela se endireitou... mas imediatamente teve que se abaixar quando a lâmina enferrujada de uma serra elétrica quase a degolou.

Topher estava a poucos metros de distância, olhando ao redor freneticamente. Mira olhou para ele.

– Às vezes é melhor se esconder, mas esse não é o caso.

Topher concordou com a cabeça.

Mira ficou em pé e empurrou o garoto através da abertura brilhante do Portal, enquanto corria para onde estava a calota. Tiros de plasma atravessaram os escombros que voavam pelos ares, enquanto Mira deslizava pelo chão e agarrava a peça pesada, depois voltava a se levantar, dando meia-volta.

Foi quando ela viu algo, em meio à tempestade de metais em pleno ar, para além da enorme bola flutuante de peças metálicas. Três Confederados Louva-a-deus forçando a entrada para o interior da loja, com suas habituais marcas azuis e brancas, e impulsionados por quatro poderosas pernas mecanizadas. No meio da carenagem estavam os "olhos", um agrupamento triangular de três sensores redondos de metal polido, que brilhavam nas cores vermelho, azul e verde, sempre investigando e esquadrinhando tudo.

Mira viu Topher saltar através do Portal e desaparecer num clarão vermelho. Ela sabia que seria melhor que ela fizesse o mesmo. Nervosa, engoliu em seco.

– Só os bons morrem jovens. – Ela ficou de pé e começou a correr...

... mas o líder dos Louva-a-deus a detectou e abriu fogo. Jatos amarelos passaram chispando pela cabeça de Mira, produzindo fagulhas ao atingir as velhas máquinas ao redor. Ela ziguezagueava entre os objetos, usando-os como cobertura, avançando o mais rápido possível na direção do Portal, quando as paredes metálicas do edifício começaram a ceder.

A última coisa que ouviu quando saltou e o clarão vermelho sobrepujou seus sentidos foram as entonações eletrônicas irritadas dos caminhantes e o estrondo do edifício ruindo ao seu redor.

Em seguida, ela caiu no chão frio de outro lugar e a luz do sol incidiu sobre ela. Viu adolescentes correndo em sua direção, um deles erguendo um martelo e despedaçando no chão um artefato do Portal idêntico ao que ela tinha usado na loja.

No momento em que fez isso, ouviu-se um estouro na abertura de luz e ela se desintegrou no ar, confinando o caos e os caminhantes Louva-a-deus na loja de ferragens. Mira rolou e deixou a calota cair no chão de terra, enquanto fitava o céu e arquejava. Uma figura apareceu sobre ela, fitando-a com um olhar contrariado. Era uma garota, com a metade do tamanho de Mira, mas duas vezes mais feroz.

Exausta, Mira olhou para ela através dos raios de sol.

– Capitã...

A garota contorceu o rosto. Seu nome era Olive.

– Você está atrasada.

A ESTÁTICA

OLIVE CONTINUOU ENCARANDO Mira com o mesmo olhar contrariado. Várias mechas do cabelo dela eram tingidas de rosa e estavam presas em cachos torcidos cor de chiclete. Ela usava uma camiseta cinza simples, um colete cheio de bolsos, calças marrons justas sob um cinturão duplo, que sustentava os instrumentos de navegação: um pequeno telescópio expansível, uma lanterna, uma lupa e um sextante de latão manchado.

A garota era uma Mercadora do Vento, a capitã do Fenda no Vento, o maciço navio terrestre avariado na encosta da colina. Os Mercadores do Vento eram o principal meio de comércio e transporte na América do Norte, e Mira conhecia Olive havia anos, desde antes de ela se tornar a capitã do Fenda no Vento. A garota tinha comprado de Mira várias combinações de artefatos; combinações belas e caras. Na verdade, Mira tinha feito o Chinook e o Zéfiro do navio, artefatos que aumentavam a força do vento (ou o provocavam, quando necessário), para impulsionar a gigantesca embarcação em terra firme.

Os Mercadores do Vento não eram como os piratas do Bando – não costumavam fazer tantos truques e falcatruas –, mas ainda assim podiam ser bem encrenqueiros. À primeira vista, podia parecer estranho uma garota tão pequena no comando da tripulação de um navio terrestre, mas essa impressão equivocada não durava muito tempo. O temperamento explosivo de Olive mantinha a maioria dos garotos na linha, e aqueles que não se deixavam impressionar eram subjugados por sua perícia e seus instintos

aguçados, qualidades que tinham feito do Fenda no Vento um navio terrestre bem lucrativo.

Mira sempre gostou de Olive. Depois que a capitã passava a confiar numa pessoa, suas opiniões não mudavam, e era preciso muito para abalar aquilo em que ela acreditava. Quando Mira precisou de uma maneira rápida de sair da Cidade da Meia-Noite, Olive concordou em ajudá-la quando ninguém mais se dispôs. Isso era algo que Mira nunca esqueceria.

O olhar de Olive oscilou entre Mira e Topher.

– E os outros? – perguntou de um jeito que dava a entender que ela já sabia a resposta.

Topher não disse nada, apenas balançou a cabeça.

– Droga! – praguejou Olive, desviando o olhar para o navio. – Quatro baixas na tripulação, uma tampa de fechamento a estibordo avariada, e esse contrato idiota está só começando.

– Ei! – disse Topher ofendido. – Eu não me machuquei, capitã, ainda estou na ativa.

– Não estava falando de você, Topher – respondeu Olive. Quando se virou para ele, ela não estava mais com o mesmo olhar duro de antes. – Margot agora está por pouco. Se quiser se despedir... é melhor fazer isso logo.

Levou um momento para Topher entender o que a capitã estava falando, mas quando isso aconteceu ele se levantou, sem nem se lembrar da perna machucada, e desceu a colina mancando tão rápido quanto podia, em direção ao navio terrestre.

– A Estática? – Mira perguntou quando ele se afastou.

Olive apenas confirmou com a cabeça. A capitã era mais jovem do que Mira, mas a diferença de idade não era muito grande. Ela tinha 17, talvez 16 anos, e Mira podia ver os tentáculos negros já começando a rastejar pelos olhos dela, a teia negra que sinalizava o

efeito da Estática. Mira não conseguia sentir os veios negros se alastrando em seus próprios olhos, nem mesmo detectá-los em sua visão... mas ela sabia que estavam lá, crescendo rápido, e a disseminação continuaria até que tivesse preenchido completamente seus olhos e a sua mente não lhe pertencesse mais. Era a realidade sombria que todos viviam no momento, por causa dos Confederados.

Mira levantou-se e atirou para Olive a grossa calota metálica, pela qual vira tantas pessoas morrerem. Olive pegou a peça com ambas as mãos e estudou-a com frieza.

– Essa é uma boa notícia.

A garota se virou e começou a descer a colina coberta de neve. Mira a acompanhou e, quando fez isso, seus olhos se depararam com o enorme navio terrestre atracado no sopé da colina, onde o terreno era mais nivelado.

Navios terrestres eram como barcos, mas navegavam em terra firme; eram feitos de uma variedade de peças sobre enormes rodas e impulsionados por velas gigantes. Eles podiam abrigar umas vinte pessoas, às vezes mais. Na direção oeste, onde as Planícies Alagadas tinham dado lugar aos desertos e a terras planas e estéreis, os navios terrestres eram uma visão comum. Devia existir mais de uma centena deles, um mais original do que o outro.

Mira sempre ficava impressionada com esses veículos colossais. Eles eram uma prova da engenhosidade e imaginação dos sobreviventes da Terra, e o Fenda no Vento sempre fora um de seus favoritos. Seis enormes rodas, três de cada lado, e peças customizadas de madeira e aço, meticulosamente encaixadas e soldadas, destacavam-se do corpo da nave. Elas tinham cerca de três metros de altura e sustentavam o convés superior do navio a uns dez metros do chão. O Fenda no Vento tinha sido montado a

partir de uma variedade de lâminas de madeira e metal reaproveitadas, assim como de peças de trens e navios. Dois mastros eram compostos de pneus velhos que serviam de sustentação para longas colunas de barris, de uns trinta metros de altura ou mais, e as velas eram feitas de vários tipos de tecidos e sedas, que pendiam como cascatas coloridas.

O navio era um mosaico de peças, todas com origem e aparência diferentes. No entanto, a combinação resultava numa embarcação harmoniosa e bela, que era muito mais uma obra de arte do que um veículo de transporte. Mesmo bonito como era, era evidente que o navio estava danificado, pois Mira reparou que ele pendia para um lado.

Ela sabia apenas que o navio tinha duas tampas de fechamento que mantinham os eixos de cada lado da embarcação presos ao casco e unidos numa única peça. A tampa de estibordo tinha quebrado havia cerca de um dia de viagem da Cidade da Meia-Noite e eles foram obrigados a parar. A única maneira de acabar com o problema era mandar fazer uma nova peça, e para isso seria preciso uma oficina mecânica. Justamente esse problema os levava a se aventurar pelas ruínas de Des Moines e a se empenhar tanto para conseguir aquela calota.

– O que aconteceu? – Olive perguntou enquanto caminhavam.

– Havia um Coletor dos Confederados a poucas quadras da loja – respondeu Mira. – Ou pelo menos é o que imagino. Nunca vi um antes, mas se encaixava nas descrições. Pensei que estávamos longe o suficiente para que não nos vissem, mas havia Louva-a-deus patrulhando a área. Um deles nos encontrou e chamou os outros.

Mira era uma passageira no Fenda no Vento, não fazia parte da tripulação, mas conhecia Olive havia muito tempo e outros capitães como ela. Olive não queria demonstrar, não diante da tripulação, pois

tinha que ser forte aos olhos de todos... mas estava triste com as baixas. Triste pra valer. Um navio terrestre não levava um simples grupo de sobreviventes. Eles eram uma família, e aquele era um dia difícil.

Dois garotos foram ao encontro delas, colina acima. Mira não se lembrava dos nomes, mas os vira conversando com Olive sobre os problemas do navio, o que significava que provavelmente eram engenheiros.

– É verdade? – um deles perguntou. Ele era mais velho, beirando os 19 anos, supôs Mira, a julgar pelos tentáculos negros rastejantes nos olhos. – Duncan e...

– Sim – disse Olive, interrompendo-o. – E não temos tempo para pensar nisso. Os Confederados apareceram a uns dez quilômetros daqui, temos que dar o fora. – Ela atirou para os garotos a peça metálica e eles a pegaram juntos, examinando-a.

– Será que as roscas vão encaixar? – o mais jovem perguntou num tom cético. – Não parece.

– Se não encaixarem, é só usar graxa – Olive respondeu irritada. – Ou jogue tudo no lixo, eu não me importo. Só precisamos chegar ao Missouri, depois podemos trocar por uma peça de verdade. Vamos logo com isso. A todo pano em quinze minutos!

Olive não esperou uma resposta, apenas se virou e continuou andando. Os dois garotos se apressaram, discutindo sobre a melhor maneira de rosquear a calota nos eixos do navio.

Na proa do Fenda no Vento, onde o arco gigantesco fazia uma curva graciosa, numa amálgama de madeira e metal, o resto da tripulação estava reunido em torno de uma garota com cabelos loiros e curtos, deitada de costas no chão frio, olhando para cima sem ver coisa alguma.

Mesmo àquela distância, Mira podia ver que os olhos de Margot estavam abertos e não piscavam – e estavam completamente negros. A tripulação olhava para ela, seus próprios olhos contaminados pelo mesmo negror, mas não totalmente. Ainda não. Todos sabiam que estavam fitando o seu próprio futuro. Para alguns deles, algo não muito distante.

A Estática era a “lembrancinha” dos Confederados para a humanidade, um sinal capaz de controlar a mente, transmitido algumas horas após a invasão alienígena. A maioria das pessoas que o ouviram imediatamente sucumbiu ao controle dos ETs e começou uma marcha zumbi até o Parlamento mais próximo, as enormes naves-mãe, fincadas como punhais no coração das cidades da Terra. Apesar de todo o seu poder, no entanto, a Estática não era perfeita; havia um determinado grupo que não era imediatamente afetado. Ao que parecia, qualquer pessoa com idade inferior a 20 anos ainda não tinha a química cerebral apropriada para que a Estática assumisse o controle; no entanto, essa vantagem não durava muito. Quanto mais se aproximava da idade adulta, mais perto o adolescente ficava do momento em que seus olhos eram totalmente encobertos pelos tentáculos negros, e tudo o que ele costumava ser se desvanecia e sua mente era substituída por... não dava para saber, provavelmente por nada.

Mira parou atrás do grupo. Essa não era a tribo de Mira, não era o lugar a que ela pertencia. Ela tinha deixado o equivalente a uma tripulação na Cidade da Meia-Noite, perdido o seu lugar na única família que conhecera e que era passado agora. Mesmo que planejasse voltar e corrigir o seu erro, nunca mais seria a mesma coisa. Assistir à tripulação do Fenda no Vento dizendo adeus a um dos seus de alguma forma deixava isso bem claro.

Olive ficou de pé ao lado de Margot, olhando para ela como os outros. Um por um, os membros da tripulação desviaram os olhos da garota quieta e imóvel, e fitaram a capitã. Quando ela falou, sua voz soou distante e cansada.

– Já tive que fazer isso sete vezes desde que passei a comandar este navio, e continuo esperando que fique mais fácil ou que eu finalmente saiba o que dizer... mas sempre me frustro. E simplesmente acabo dizendo a mesma coisa. Que o que todos nós podemos fazer é tentar aproveitar ao máximo o tempo que nos resta. Podemos nos lembrar daqueles que perdemos. Fazer o vazio deixado por eles nos inspirar um pouco mais. Trabalhar mais. Viver mais intensamente. Acho que se não fizermos isso... nada mais tem sentido. Acredito que essa seja a única vingança que temos.

A capitã deixou que refletíssemos por um instante sobre suas palavras e então deu um passo extenuado para trás.

– Que os ventos nos levem para onde soprem... não o contrário. Deixem que ela se levante.

Quando Olive pronunciou a última palavra, os garotos que seguravam Margot a soltaram e todo mundo viu quando ela começou quase que imediatamente a se pôr de pé.

Mira odiava ver os sucumbidos. Seus movimentos lentos e desajeitados eram puramente funcionais, não tinham a vivacidade inerente ao caminhar de alguém cuja mente, pensamentos e lembranças ainda lhe pertenciam, movimento a que ninguém prestava muita atenção até que cessassem. Era como assistir a uma espécie de versão mecânica de uma pessoa, e a diferença entre esse novo estado e o modo como ela costumava ser tornava a dor ainda pior.

– Que os ventos a guiem... – concluiu Olive.

Passado um instante, a tripulação ecoou em voz baixa o mesmo desejo. Assim como Mira.

Eles observaram enquanto aquela que havia sido Margot começou lentamente a caminhar para o leste, seus passos deixando um rastro na neve. Assistiram a cena até que a garota se tornou nada mais que uma sombra na neblina da tarde e se embrenhou num bosque de pinheiros. Quando finalmente desapareceu de vista, um por um eles se afastaram e voltaram a preparar o Fenda no Vento para navegar.

Mira voltou-se para o navio e esfregou os braços, tentando afastar o frio. A primavera estava chegando. Devia estar ficando mais quente. Por algum motivo, não era o que parecia.

Em vez disso, o ar estava gelado.

LIMITES

O FENDA NO VENTO SINGRAVA PARA O LESTE, ao longo do terreno rochoso que antes costumava ser o norte de Illinois. O sol tinha quase concluído seu arco no céu e mergulharia no horizonte em menos de uma hora. Quando isso acontecesse, o navio terrestre provavelmente iria parar. Viajar à luz do luar não era um procedimento incomum, mas, quanto mais para leste, mais obstáculos e terrenos irregulares o navio tinha que enfrentar, o que poderia resultar em algo muito pior do que uma peça quebrada.

Mira só tinha viajado em navios terrestres três vezes na vida, e ela sempre ficava maravilhada com a suavidade com que navegavam. Não era a mesma coisa que navegar num lago, é evidente, mas sacolejava muito menos do que se poderia esperar de uma embarcação gigantesca atravessando um terreno acidentado. Claro que isso tinha muito a ver com os artefatos ligados à sua estrutura maciça, que absorviam a maior parte do impacto e do balanço da embarcação.

Mira estava na proa, com os olhos fixos no chão de terra que passava mais embaixo. Ao contrário das embarcações náuticas, o leme dos navios terrestres ficava na frente. Era um ajuste necessário, porque para pilotar um grande navio em terra era preciso ter uma boa visão do que vinha pela frente. Desde que subira a bordo, Mira já tinha visto o Fenda no Vento se desviar de tratores, árvores, velhos postes de energia e de telefone, e laguinhos escondidos no meio do mato. Um garoto chamado Casper,

timoneiro do navio, estava atrás do leme que, como era tradição na navegação terrestre, tinha pertencido a um antigo navio náutico.

– Quarenta milhas é a velocidade máxima? – perguntou Mira a ele.

– Não, mesmo! – Casper sorriu. – Num terreno plano como o das Planícies Estéreis, com um Chinook totalmente carregado, o Fenda no Vento pode fazer oitenta milhas fácil, fácil. Mas alguns podem navegar mais rápido; tudo depende de como são construídos.

– Vocês navegam rápido assim com muita frequência?

– Bem mais do que gostaríamos... – Casper respondeu, dessa vez com muito menos alegria. – O Bando não usa barcos terrestres, perseguem a gente com buggies e girocópteros.

– Mas ainda assim conseguem fugir deles? – Mira sempre tivera curiosidade para saber aquilo. Como os Mercadores do Vento escapavam dos piratas que os espreitavam? Não bastava só acelerar.

– Temos nossos truquezinhos... – respondeu Casper, sorrindo outra vez. – Todo navio terrestre tem. Desde que estou no leme, o Bando tentou nos abordar nove vezes. Ainda não conseguiram invadir o nosso navio.

A voz de Olive, vindo de algum lugar mais abaixo, interrompeu a conversa. Mira a viu subindo as escadas de madeira polida que levavam ao convés principal.

– Vou assumir o leme, Casper. Preciso arejar a cabeça.

– Ok, capitã.

Casper afastou-se e desapareceu escada abaixo. Olive o substituiu, suas mãos deslizando com familiaridade pelo leme, sentindo as irregularidades do terreno nos eixos gigantescos do navio através dos Subsungores.

Mira viu Olive soltar um suspiro longo e vagaroso, enquanto os olhos sondavam o terreno à frente, à procura de obstáculos

escondidos no meio do mato alto. Assumir o leme, e toda aquela responsabilidade, pelo visto era algo que arejava a cabeça das pessoas. Mira tinha uma válvula de escape semelhante. Sempre que precisava tirar alguma coisa da cabeça, fazia combinações de artefatos. As mais complicadas, com três ou quatro camadas, até mais. Isso a ajudava a ajustar o foco, quando precisava deixar de lado pensamentos que preferia não enfrentar. Mira andava fazendo um bocado de artefatos ultimamente...

– Pensando em Margot? – Mira perguntou baixinho.

– Gostaria que fosse só isso, mas a verdade é que há muita coisa em jogo nesta jornada. – Mira podia sentir que o contrato que fizera com o navio, fosse qual fosse, estava tirando o sossego de Olive. – Estamos indo para o leste, passando pelo Mississippi.

– Não pensei que os navios terrestres pudessem ir tão longe. O terreno é tão acidentado... E nem plano é.

– É verdade. De uma hora para outra você pode se ver numa sinuca de bico, mas dá para passar, sim. Para aqueles lados, é tudo muito mais uma questão de desbravar territórios inexplorados.

– E vale a pena?

Olive desviou os olhos do horizonte só por tempo suficiente para lançar a Mira um olhar desapontado.

– Claro que vale!

Os capitães de navios terrestres eram conhecidos pelo espírito aventureiro e disposição para correr riscos – que eram inevitáveis –, mas Olive sempre tinha sido mais prudente do que a maioria. As nove vezes que o Bando tinha tentado atacar o Fenda no Vento, como Casper mencionara, não eram nada pelos padrões dos navios terrestres – uma prova da tendência de Olive para se precaver.

– Sabe de uma coisa, você poderia ser muito útil para mim – continuou Olive. – Tem presença de espírito e é boa com artefatos.

Seria uma mão na roda. Sei que tem problemas, coisas de que está fugindo, mas tão a leste duvido que te encontrem.

Mira não tinha tanta certeza. Estavam à sua caça agora, e era gente poderosa, que iria atrás dela aonde quer que fosse. Tinham amplo alcance.

– Eu não posso, mas é bem tentador.

– Baía Invernal não é fã de Bucaneiros, você sabe – avisou Olive.

– Os artefatos são proibidos lá.

– Ainda bem que não trouxe nenhum! – brincou Mira.

– Mesmo sem artefatos, é perigoso. É um lugar imenso e apinhado de gente. Se eu fosse você ficaria na floresta, longe do agito, em pequenos depósitos comerciais ao longo do Mississippi, esse tipo de coisa.

Olive estava certa, é claro. Baía Invernal era uma das maiores cidades da América do Norte. Se a notícia de que estava sendo procurada se espalhasse, lugares como Baía Invernal seriam os primeiros a ser vasculhados.

– Do que você precisa? – perguntou Olive. – Talvez eu possa ajudar.

Mira sorriu. Ela sabia que a garota estava falando sério.

– Valeu. Mas você não pode me ajudar. O que eu preciso... é informação. Preciso de alguém que me aponte um local no mapa e, se não encontrar, estou frita.

Olive olhou para ela novamente, apenas por um segundo, em seguida voltou a se concentrar na frente do navio.

– O primeiro navio terreno em que trabalhei se chamava Golpe de Vento. A coisa mais horrorosa do mundo sobre seis rodas. Pegaram partes de um caminhão velho e, sem brincadeira, juntaram com um ônibus escolar amarelo. A coisa parecia que ia cair aos pedaços antes de sair do lugar, mas a verdade, e não me pergunte como, é

que aquele era o navio mais veloz de toda a frota. Era um ferro-velho ambulante, mas deixava os outros capitães mortos de raiva, comendo poeira. – Olive sorriu. Pelo menos uma parte da lembrança era boa. – Quando o capitão de um navio terreno sucumbe à Estática, o primeiro oficial é promovido a capitão e escolhe o seu primeiro oficial. Isso significa que o capitão escolhe o seu sucessor. O capitão do Golpe de Vento estava quase sucumbindo, não tinha muito tempo. Eu era uma das candidatas a primeiro oficial, junto com outro sujeito chamado Vincent, um garoto alto, musculoso, muito mais forte do que eu. Esperto, também. Eu odiava o cara.

Mira podia imaginar. Deve ter sido difícil para Olive, tão pequena e cautelosa, se destacar num mundo que valorizava tanto a força física.

– Um dia – Olive continuou –, Vincent e eu estávamos de serviço no cordame, o que incluía subir nos mastros. A gente fazia isso usando arreios e correntes, e quando já estávamos paramentados notei que uma das alças da sela dele estava rasgada, pelo lado de dentro, perto da fivela. Eu tinha certeza de que ela não iria sustentar o peso dele por muito tempo. Uma parte de mim sabia que, se Vincent caísse ao subir no mastro, ele seria penalizado por não verificar o equipamento. Então... eu fiquei de boca fechada. – Mira tinha que se esforçar para ouvir a garota por causa do barulho que o navio fazia no momento. – Achei que ele ia cair três ou quatro metros, no máximo, se machucar um pouco, sair da competição, e ponto final. Mas ele conseguiu subir até a primeira plataforma antes que a tira se partisse. Ela ficava a quase nove metros. Vincent quebrou uma perna e algumas costelas. E nunca mais andou direito.

Mira podia adivinhar o resto.

– Você ganhou a promoção.

Olive confirmou com a cabeça.

– Fui primeiro oficial durante um mês antes de pedir demissão e deixar o Golpe de Vento. Não foi só pela culpa, foi porque vi a verdade daquilo tudo. Um primeiro oficial de verdade nunca deixaria alguém subir num mastro com um equipamento avariado. Eu não merecia aquela posição, então deixei o navio, juntei-me ao Fenda no Vento, e recomecei do zero.

– Por que está me contando tudo isso, Olive?

– Porque querer muito uma coisa, estar disposto a fazer qualquer coisa para conseguir algo, não é muito bom. Você pode acabar fazendo coisas que nunca faria, coisas de que pode se arrepender. As pessoas têm seus limites, limites que normalmente não cruzam, e em situações como essas os limites começam a ficar meio indefinidos.

Mira suspirou. Olive provavelmente estava certa, mas isso não vinha ao caso.

– Eu tenho que fazer isso, Olive. É a única maneira de eu conseguir consertar as coisas.

– Se tem que fazer, então faça. Tudo o que eu estou dizendo é: lembre quais são os seus limites.

As duas garotas se olharam nos olhos por um instante, enquanto refletiam, então Olive voltou a olhar para o leme. Ela disse o que pensava e Mira respeitava isso.

– Não posso levar você até Baía Invernal – Olive advertiu. – O cronograma me impede. Mas posso deixá-la mais perto, nos arredores de Chicago.

Mira assentiu. Era perto o suficiente.

– Já está bom, obrigada.

– O inverno já está quase no fim, mas lá para cima ainda faz frio à beça. Um frio que parece cortar a gente ao meio. Espero que tenha trazido agasalho.

– Não te contei? – Mira sorriu. – Nunca saio de casa sem levar um agasalho.

Olive sorriu para ela.

– Que os ventos a guiem, Bucaneira.

– O mesmo pra você! – respondeu Mira. O Fenda no Vento singrou para o leste enquanto o céu escurecia atrás deles e o frio da noite começava a se fazer sentir. Parecia ainda mais frio do que no dia anterior.

GELO E NÉVOA

EMBORA SÓ VISSE GELO para onde quer que olhasse, Mira ainda podia sentir a primavera se aproximando. As águas do lago Michigan não estavam congeladas; em vez disso, o gelo compacto tinha se desintegrado num campo de lama a perder de vista, que se fragmentava à medida que a grande balsa de madeira a atravessava.

Mira olhou para onde os cabos de ambos os lados da embarcação se estendiam à frente e desapareciam na névoa da manhã. Eles estavam ligados a um posto de comando em algum lugar em meio à neblina, para onde a embarcação era lentamente puxada. Baía Invernal estava na outra extremidade desses cabos, um lugar que mesmo nos bons tempos era hostil a ela... e estes definitivamente não eram bons tempos. O pensamento causou em Mira um arrepio e ela fechou um pouco mais o casaco ao redor do corpo.

Como Olive dissera, artefatos das Terras Estranhas não eram permitidos ali. Bucaneiros, por sinal, também não. Mira tinha escondido seus próprios artefatos perto da costa, enterrando-os no porão de um prédio em ruínas. Mas, por mais que quisesse, não poderia enterrar também quem ela era e deixar isso para trás. Bastava dizer a coisa errada naquele lugar e as pessoas descobririam bem rápido que ela estava com a cabeça a prêmio.

Fiel à sua palavra, Olive a deixara na periferia de Chicago, onde a forma torriforme gigantesca e imponente de uma nave-mãe do Parlamento alienígena se elevava sobre as ruínas, tão alta que desaparecia num redemoinho de nuvens. Ela se despediu rapidamente da tripulação e seguiu para o norte.

Com sorte, não cruzaria com nenhum dos seus cartazes de “Procura-se”, mas ainda assim era um lugar óbvio onde procurá-la. Caçadores de recompensa sem dúvida já estavam a postos, seguindo não apenas para Baía Invernal, como para cidades como Bazar e Fausto. Ela tinha um dia, talvez dois, antes que os centros urbanos maiores deixassem de ser um lugar seguro para ela, o que significava que teria que resolver seus assuntos particulares antes disso.

À sua frente a neblina estava mais rarefeita, permitindo que Mira visse uma silhueta começando a se delinear na espessa tela branca do nevoeiro. Ela se estendia e se alargava à medida que chegavam mais perto, revelando-se aos poucos, até que toda a sua amplitude finalmente irrompeu diante dela.

Poucos meses após a invasão, quando a Estática foi ativada e as crianças e os adolescentes foram largados à própria sorte, a primeira tentativa de reconstrução da cidade tinha sido feita com um recurso improvável.

Barcos.

Dezenas e dezenas deles, de todos os tipos e tamanhos. Rebocadores, barcaças, barcos pantaneiros, balsas, navios-tanque, todo tipo de embarcação que um dia tinha navegado no grande lago. E a coleção cresceu, até chegar a mais de uma centena. Com o tempo eles foram amarrados e amontoados, para servirem como uma plataforma gigante ancorada na metade norte do lago, longe dos dois Parlamentos mais próximos, em Minneapolis e Chicago.

Isso foi só o começo. Nos anos que se seguiram, um número cada vez maior de sobreviventes foi chegando, à medida que a notícia se espalhava. Uma vez na cidade, eles começaram a construir.

Primeiro em cima dos barcos. Fazendo uma sólida base de restos de madeira e chapas de metal, tudo misturado e moldado para se

tornar uma estrutura uniforme, de formato circular, que se estendia por cerca de três quilômetros quadrados e abrangia toda a massa original de navios.

Então eles continuaram construindo para cima, acrescentando outros níveis sobrepostos, ocupados por barracas e casas, oficinas e lojas. Havia torres e edifícios feitos de madeira e plástico, tudo reaproveitado das ruínas à beira do lago e estendendo-se desafiadoramente sobre as águas frias.

Além da sua construção inusitada, Baía Invernal era diferente das outras cidades por outro motivo. À medida que a balsa singrava através da névoa, Mira viu por si mesma: luzes, cintilando à sua frente, no meio da noite. Mas não eram as luzes que ela estava acostumada a ver. Essas não piscavam nem bruxuleavam numa infinidade de cores. Eram sólidas e mortíferas, todas no mesmo tom frio de branco-azulado. Eram lâmpadas de verdade, elétricas. Desde a invasão, Mira não via tantas como aquelas num só lugar.

A maioria das cidades era agora abastecida por artefatos, objetos imbuídos de propriedades alienígenas, vindos de um local perigoso mais ao norte, chamado Terras Estranhas. Artefatos e combinações de artefatos eram utilizados para produzir energia, iluminação, calor, praticamente tudo que se queria ou precisava, e o mundo girava em torno deles agora. Os artefatos eram a nova ordem mundial.

Em todos os lugares, menos ali.

Baía Invernal usava a gigantesca coleção de barcos debaixo dela não apenas como fundação. Seus motores e geradores antigos eram mantidos ligados e funcionando, com o intuito de produzir energia para toda a cidade.

Esse fato passou a definir o lugar. Seus habitantes e governantes, o misterioso Quórum do Id, viam a cidade como um dos últimos baluartes do passado da humanidade, um lugar que mantinha vivas

as antigas memórias e façanhas do ser humano. Consequentemente, os artefatos das Terras Estranhas eram vistos como algo vil. Eram proibidos, assim como os Bucaneiros – aqueles, como Mira, cuja especialidade era se aventurar pelas Terras Estranhas. Ali Mira era uma criminosa, mesmo sem os cartazes de “Procura-se”. Ser Bucaneira era uma sentença de morte em Baía Invernal. Por isso ela nunca visitara a cidade, e pelo mesmo motivo estava tão nervosa agora.

A cidade se assomava à sua frente, agora mais próxima. Estava livre do gelo, mas mesmo assim não balançava sobre o lago. As ondas espessas e lamacentas marulhavam e batiam na costa, mas a cidade nem se dava conta delas. Se era por causa das âncoras cravadas nas profundezas do lago ou porque a cidade era solidamente construída, Mira não sabia.

Ela seguiu com os olhos as cordas da balsa até desaparecerem dentro de duas aberturas no ancoradouro, agora visíveis à sua frente. Ao lado, uma segunda balsa, carregada de sobreviventes, todos crianças e adolescentes, preparava-se para voltar à costa, os cabos se estendendo para trás do mesmo jeito, como na balsa em que Mira estava.

Depois do cais, havia um grande arco, e Mira podia ver algo pendurado ali, iluminado com luzes estroboscópicas para que todos pudessem ver: uma única engrenagem ou roda dentada, pintada de azul e branco, o símbolo sinistro de Baía Invernal, que representava a dependência e fidelidade do lugar às formas mecânicas do passado.

Uma fila de pessoas se estendia até o arco e a engrenagem gigantesca, onde os guardas da cidade revistavam meticulosamente todos que entraram, à procura de armas, artefatos e outros contrabandos. Mira engoliu em seco diante da cena. Tinha chegado

a hora. Ela estava prestes a descobrir se tinha chegado ali rápido o suficiente, se tinha se antecipado aos rumores sobre seus crimes e a enorme recompensa que, sem dúvida, estava sendo oferecida agora pela sua cabeça.

Tudo, todos os seus planos, estava atrelado a esse fio de esperança.

Mira saiu da balsa com um punhado de outros sobreviventes e se juntou à fila de espera para ser revistada. Em quinze minutos, passou pela revista, enquanto fitava a impossível cidade flutuante de Baía Invernal. Os guardas não tinham prestado muita atenção nela.

BAÍA INVERNAL

MIRA ANDOU PELAS RUAS ESTREITAS e sinuosas da cidade tentando não parecer uma forasteira, enquanto passava pelas centenas de moradores; mas isso não era nada fácil, principalmente porque ela não conseguia parar de contemplar tudo ao seu redor com um olhar de assombro. Comparada à metrópole subterrânea da Cidade da Meia-Noite, Baía Invernal era um lugar completamente diferente.

Ali não havia um teto como na espessa e tenebrosa caverna de pedra onde ficava a Cidade da Meia-Noite. Baía Invernal tinha sido construída ao ar livre e “para cima”. O céu noturno sobre a cidade era forrado de estrelas e massas enegrecidas de nuvens passageiras. De alguma forma, isso fazia com que Mira se sentisse ainda mais exposta e isolada.

Construções e plataformas se elevavam ao redor, algumas de até seis andares. E não havia duas iguais. Elas se inclinavam para os lados ou para a frente, umas obviamente mais bem construídas do que outras, e algumas até presas às docas por cabos que as impediam de desmoronar.

Entre os edifícios estendiam-se pontes de aparência precária, feitas de corda, madeira e outros materiais. Mira viu que estavam tão apinhadas de gente que chegavam a chacoalhar.

Em todos os lugares era evidente o uso da eletricidade. Cabos de alimentação negros e grossos atravessavam as ruas, subiam pelas laterais dos edifícios e desapareciam em buracos que levaram até os Submotores, onde os antigos navios da cidade tinham sido deixados em meio à escuridão. A luz cálida das lâmpadas elétricas pairava no

interior dos edifícios. Os nomes das lojas e barracas de comida pelas quais Mira passava eram exibidos em letreiros coloridos e iluminados, que se estendiam e serpenteavam à frente dela, tingindo tudo de neon. O brilho bruxuleante de aparelhos de televisão antigos refletia-se nos olhos de Mira, enquanto exibiam filmes do Mundo Anterior. Crianças reuniam-se em torno de jogos de vídeo game ou máquinas de fliperama; música escoava de aparelhos de som.

Enquanto absorvia tudo isso, Mira sentiu uma melancolia repentina se agitar dentro dela. A cidade era impressionante, mesmo que fosse apenas pela história que mantinha viva. Era um museu vivo, algo estranho de se ver. Cada imagem ou som era uma lembrança de como as coisas costumavam ser, uma lembrança de tempos que não voltariam mais, mas ainda podiam ser lembrados. Eram coisas que ela poderia encontrar fora de Baía Invernal, é lógico, mas só de vez em quando, e a força combinada deles, todos de uma vez e em toda a sua volta, era uma visão quase deslumbrante. Ali, de certa maneira, o mundo não tinha seguido em frente. Isso era animador e triste ao mesmo tempo.

Mira se forçou a desviar os pensamentos para o assunto que a trouxera ali. Quanto antes o resolvesse, mais rápido poderia seguir viagem, misturando-se com a paisagem, longe de lugares lotados e arriscados como aquele. Baía Invernal era perigosa, ela lembrou a si mesma, não importava quanto pudesse parecer fascinante na superfície.

Mira estudou as placas elétricas que indicavam as direções para as várias regiões da cidade. O que ela precisava estava no distrito comercial e, de acordo com a sinalização, ele ficava depois da próxima curva, seguindo em frente à direita. Mira começou a avançar, abrindo caminho em meio à multidão.

Passou por outro arco, este feito de colunas de correntes grossas e oxidadas, soldadas no chão. Algo pendurado no topo a pegou de surpresa.

Era outra engrenagem gigantesca, como a do portão da frente, mas agora com um símbolo gravado em neon azul brilhante no centro: a letra grega delta minúscula, δ . No Mundo Anterior ele significava muitas coisas, mas agora era o símbolo usado para designar os artefatos das Terras Estranhas, uma espécie de advertência. Mira o vira inúmeras vezes, mas nunca daquela maneira.

O δ azul brilhante estava de ponta-cabeça, dentro de um círculo iluminado vermelho, com uma barra da mesma cor atravessando-o de fora a fora. Isso significava que os artefatos não eram permitidos ali... assim como os Bucaneiros. Mira novamente estreitou o casaco em volta do corpo e passou por baixo do arco, as luzes azul e vermelha refletindo as poças d'água congeladas a seus pés.

A trilha entre os edifícios terminava numa área aberta maior, onde duas enormes chaminés enferrujadas projetavam-se de um jeito estranho, uma de cada lado, do espesso píer de madeira da cidade. Eram evidências das centenas de barcos que jaziam mais abaixo, os mesmos que compunham a base de apoio da cidade flutuante. Rolos de fumaça espiralavam das duas chaminés, enfeitadas de alto a baixo com fios de luzinhas brancas brilhantes, que iluminavam o distrito comercial entre elas.

Entre as duas chaminés, via-se um imenso quadrado de andaimes e trilhos. Escadas ligavam os andares mais altos e pontes de corda se estendiam entre eles. Em cada andar, onde transitava um enxame de visitantes e moradores, viam-se lojas e barracas iluminadas por lâmpadas elétricas.

Mira suspirou. Não tinha como saber se o que precisava estava lá em cima. Mesmo que estivesse, ela poderia levar a noite toda para encontrar.

Ela estava no lugar certo, disse a si mesma. Tinha que estar, e faria o que fosse preciso para executar seu plano. Afinal, não era apenas a vida dela que estava tentando salvar.

Mira percorreu as dezenas de barracas do primeiro andar, onde encontrou uma coleção impressionante de mercadorias: água potável, alimentos não perecíveis, doces, material de primeiros socorros, rádios, facas, relógios mecânicos, mapas, cabos e cordas, ferramentas, roupas (usadas e novas), bolsas e mochilas, e uma ou outra arma, ocasionalmente.

O que Mira precisava era menos tangível... e muito mais perigoso. Ela não tinha nenhuma expectativa de encontrar o que queria em Baía Invernal; não era algo que se comprasse numa barraca. Como dissera a Olive, o que ela precisava era de uma indicação. Um X num mapa. Alguém que pudesse lhe mostrar onde poderia encontrar o que precisava.

Os donos das duas primeiras barracas riram na cara dela, enquanto o terceiro, um garoto que devia ter uns 13 anos, a julgar pelos olhos sem traços de estática, instantaneamente assumiu uma postura hostil.

O que ela queria não era um artefato, por isso não era proibido em Baía Invernal... mas ainda estava ligado às Terras Estranhas, porque só ali ele poderia ser usado. Por causa disso, algumas pessoas ficariam desconfiadas. Ela precisava ter cautela.

Mira subiu uma escada para o segundo andar. Mais barracas, mais mercadorias, mas todas elas com algo em comum. Eram aparelhos eletrônicos do Mundo Anterior: TVs, micro-ondas, jogos de vídeo game, refrigeradores, aparelhos de ar-condicionado, ventiladores,

fornos, fogões, até mesmo alguns computadores decrépitos. Mira encarou tudo isso com perplexidade. Na maioria dos lugares essas coisas não valeriam quase nada, mas esse andar da cidade era quase duas vezes mais movimentado do que o inferior. Aquele era mais um lembrete de que Baía Invernal não era como a maioria dos lugares.

Mira percorreu as barracas, empurrando as pessoas para conseguir passar, assim como tinha feito no primeiro andar. O resultado com os vendedores foi praticamente o mesmo. Olhares desconfiados, risadinhas abafadas, mãos agitando-se com raiva ou irritação. Ela percebia o desespero crescendo lentamente em suas entranhas, depois de cada encontro. Só restava um andar.

Mira atravessou uma ponte para o andar de cima. Podia sentir o cheiro de comida, ouvir o chiado de chapas quentes e carnes ou legumes assando nas grelhas. Com desânimo, viu que todas as barracas nesse andar eram de comida. Não havia mais barracas de mercadorias. Ela tinha passado por todas, e ninguém com quem tinha falado fora capaz de lhe mostrar uma maneira de conseguir o que precisava.

Ela estava agora oficialmente sem opção, e isso significava que estava em apuros. Debruçou-se na grade que circundava o andar de cima, olhando para o andar térreo, mais abaixo, com as suas duas chaminés gigantescas iluminadas por círculos brilhantes de luzinhas brancas. O que ela ia fazer agora?

– Engraçado, não acha? – perguntou uma voz à esquerda. Mira se virou e viu uma garota debruçada na grade como ela. Surpreendente! Num instante não havia ninguém ali e no seguinte a garota estava lá! Ela não olhava para Mira; seu olhar apenas vagava pelo deque principal mais abaixo. – As duas chaminés, iluminadas assim. Alguém tentou fazer parecer que não são pedaços de casco

enferrujado se deteriorando sob o convés. Mas elas são uma mentira, como tudo aqui. Não se pode confiar em nada nem ninguém.

Mira observou a menina, intrigada. Seu cabelo preto estava preso num rabo de cavalo e ela usava calças cargo escuras e uma camiseta desbotada do David Bowie. Era alta, com traços orientais, e mais velha do que Mira, provavelmente perto dos 20 anos, a julgar pela propagação da Estática em seus olhos. Estavam quase completamente tomados pelas gavinhas negras agora.

– Isso vale para você também? – perguntou Mira.

– Ah, com certeza! – A garota finalmente se virou e seus olhos mostravam outras coisas além da Estática. Astúcia. Malícia. Experiência. Tudo claro como o dia. Quem quer que fosse, não era uma simples comerciante.

Mira franziu a testa. Não tinha tempo para joguinhos ou para descobrir o que a garota estava tramando. Tinha que dar o fora dali e encontrar outra solução, por mais impossível que parecesse.

– Valeu pela dica. – Mira se virou para ir embora, dirigindo-se às escadas que levavam aos andares de baixo.

– Disponha, Bucaneira – respondeu a garota, com descontração.

Mira congelou no lugar. Instintivamente, olhou de lado para ver se alguém por acaso tinha ouvido a garota. Parecia que não. Pelo menos ainda não.

– Acusações como essa são uma sentença de morte aqui – cuspiu Mira, tentando parecer furiosa. – Eu não gosto que...

– Relaxa. Não contei a ninguém ainda. Tudo depende do que você tem a me dizer, se vai me interessar ou não.

– Você não sabe quem eu sou ou o que...

– Claro que sei! É só ver o jeito como anda por aí. Olhos colados no chão, marcando cada passo, sempre à procura daqueles tipos

ocultos de morte. Apenas um tipo de pessoa anda assim. – Ela acenou para as fileiras de pessoas, quase uma centena, acotovelando-se pelas várias barracas de comida do terceiro andar e, por um instante, foi como se esquecesse a conversa. – Na verdade, isso nem importa. Esses caras não precisam de prova nenhuma. Basta a palavra de alguém como eu.

– Alguém como você?

– Alguém conhecido como eu. Que é o que você está a ponto de se tornar também.

Mira engoliu em seco. Tinha se metido exatamente no tipo de encrenca que esperava evitar.

– O que você quer?

– Saber por que alguém com tanto a perder veio até aqui. – A voz da menina era puro gelo.

Mira hesitou. Podia correr, talvez saltar sobre a grade e deslizar para baixo por uma das vigas de apoio do deque, mas, se essa garota era de fato tão influente quanto dizia, Mira provavelmente não conseguiria passar do portão da frente. Nadar também não era uma opção; a água estava tão gelada que em menos de dez minutos seria só um cadáver. Estava num beco sem saída.

– Sei o que está pensando. – A menina se afastou da grade e se aproximou de Mira. – Será que eu minto para ela? Será que digo a verdade? O negócio é o seguinte, existem apenas dois tipos de mercadoria que valem alguma coisa aqui. Aparelhos eletrônicos, mas eles só têm valor em Baía Invernal, e não parece que você esteja aqui para ficar. Então só resta a opção número dois. Informação. Que é por acaso o que eu forneço. Qualquer informação pela qual valha a pena você arriscar sua vida provavelmente é uma mercadoria muito valiosa.

Mira analisou a garota novamente. Que escolha ela tinha? Tinha apostado tudo para chegar até ali; talvez fosse hora de deixar tudo às claras.

Ela enfiou a mão no casaco e tirou algo dali: uma daquelas velhas estampas termocolantes, do tipo que se cola passando o ferro quente em cima. A estampa era de um símbolo redondo, dividido em seis triângulos amarelos e pretos voltados para um círculo preto no centro. No Mundo Anterior, aquele era o símbolo universal da radiação. Ainda era, Mira se corrigiu, mas suas implicações eram muito diferentes agora e naquele lugar – ele era algo muito mais perigoso.

Mira entregou o símbolo para a garota oriental, e os olhos desta se estreitaram quando o pegou.

– Puxa! Você não decepciona, hein?

– Pode me ajudar ou não? Estou correndo contra o tempo.

– Apenas uma pessoa em toda a cidade pode ajudar você com isso – respondeu a garota, brincando com o retalho entre os dedos.

– Armitage.

O nome não significava nada para Mira. Ela apenas olhou para a outra, sua impaciência começando a superar a ansiedade.

– Um Imune que está aqui desde o início – a garota explicou, ainda brincando com o pedaço de tecido entre os dedos. – Começou como comerciante, agora controla todos eles. Mantém todo mundo na linha, a feira funcionando, como uma espécie de supervisor. Todo mundo dá a ele uma porcentagem, porque um sistema precisa de alguém para administrá-lo. E Armitage é muito bom em... manter as coisas funcionando.

– Não era o Quórum que devia fazer isso?

– O Id? – A menina riu. – Aquela lá é a torre deles. Parece que tem alguém ali dentro?

Mira olhou para onde a garota apontava e viu a forma negra, grande e tosca, pairando sobre o extremo leste da cidade, perto das margens do lago, onde as águas geladas batiam contra os Submotores. Ela não tinha notado a torre antes, um obelisco sombrio e agourento, que, ao contrário de todos os outros edifícios de Baía Invernal, estava às escuras, com todas as lâmpadas apagadas. Parecia morto.

– Não é iluminado há anos – a garota continuou. – Acho que todos já se foram agora. A Estática provavelmente os levou. Pensando bem, talvez não. Talvez ainda estejam lá e simplesmente não deem a mínima. Não dá pra saber, porque ninguém descobriu como entrar para perguntar. Sem portas, sem janelas; a superfície é lisa, sem nenhuma reentrância para servir de apoio. Sejam quais forem os seus segredos, morreram ali com ela.

– Se o Quórum não administra mais a cidade, então é esse tal de Armitage quem faz isso? – Mira perguntou, confusa.

– Armitage controla o comércio. A cidade governa a si mesma – respondeu a garota. – Baía Invernal é como uma máquina bem lubrificada. Apenas continua seguindo em frente, independente de tudo, porque tem que seguir. Assim como o resto do mundo, eu acho.

Quem quer que ele fosse, aos olhos de Mira esse Armitage parecia o verdadeiro líder. A constatação a animou; o receio com relação à garota diminuiu um pouco. Talvez ela fosse o que dissera ser, apenas uma informante. Para conseguir ajuda, porém, Mira teria que convencê-la de que valeria a pena.

– Como posso encontrar esse Armitage?

– Ah, eu não me preocuparia com isso. – A menina levantou a estampa amarela e preta. – Ficou a noite toda exibindo essa coisa

pelo distrito comercial? Então aposto que, mais cedo ou mais tarde, ele vai encontrar você.

Isso não parecia muito tranquilizador.

– Ele é perigoso?

A menina lançou a Mira um olhar cheio de dúvida.

– O mais provável é que ele consiga o que você quer. Mas quer uma opinião sincera? Se eu fosse você, pegaria isso e daria o fora daqui. Agora mesmo. Cruze a cidade e não olhe para trás. Pode acreditar, qualquer negócio que faça com Armitage vai ter um preço alto demais. Não vai valer a pena. Mesmo que consiga o que está procurando.

Uma parte de Mira acreditava na garota, mas isso não importava. Ela estava num beco sem saída havia muito tempo.

– Não tenho escolha.

– A gente sempre tem escolha, Bucaneira – a menina respondeu, sustentando o olhar de Mira.

Ouviram uma comoção à direita; um grito ou dois, um gemido angustiado.

Um grupo de adolescentes estava em torno de alguém no chão, deitado imóvel. Outros corriam para ajudar, mas Mira tinha certeza de que não havia nada que pudessem fazer.

– Agora, isto, sim, é uma vergonha! – comentou a garota, embora sua voz não demonstrasse compaixão.

Mira espiou através da multidão. Era o que supunha: um garoto deitado de costas, inerte, olhando fixamente o céu noturno, com os olhos totalmente negros. Tinha sucumbido, chegado ao fim da estrada, o mesmo que tinha acontecido a Margot um dia antes.

– Patético, não acha? O jeito como eles destroem? – A voz da garota novamente, logo atrás Mira. – Mas fazer o quê? Ovelhas são sempre ovelhas.

Tudo ficou escuro quando algo cobriu a cabeça de Mira. Parecia um saco grosso, e sentiu uma corda apertar seu pescoço, prendendo o saco no lugar. Lutou, tentou se desvencilhar do saco, mas já era tarde. Os braços finos mas fortes da garota passaram em torno da garganta de Mira e uma mão cobriu sua boca antes que ela pudesse gritar.

– Armitage vai vê-la agora – sussurrou a garota através do saco. – Devia ter ido embora quando teve uma chance.

Então Mira se sentiu sendo arrastada.

ARMITAGE

ESTAVA TUDO ESCURO, mas não completamente. Mira podia ver um filete de luz entre o pescoço e o capuz preto que a garota enfiara em sua cabeça. Na cadeira em que estava amarrada agora, faltava boa parte do estofamento. Um parafuso saliente a espetava através do assento e, dependendo da maneira como ela se inclinava, ele a incomodava em lugares que não a agradavam nem um pouco. Mas a corda que a amarrava estava tão firme que não havia muito que fazer. Além disso, Mira estava com a sensação de que tinha problemas maiores com que se preocupar.

Percebeu um barulho atrás dela quando uma porta se abriu. Ouviu dois passos, um deles pisando com força e o outro, mais leve e ágil.

Mira tentou manter a calma, evitando tremer. Mostrar medo em situações como aquela geralmente só servia para piorar as coisas. Tinha que parecer forte.

Alguém puxou o capuz do seu rosto e ela ofegou ao ver o que havia na sua frente.

Nada, além de um grande vazio até a rua coberta de neve bem mais abaixo. Ela podia ver o brilho de néon piscando e aparelhos de TV ligados. Sua cadeira tinha sido colocada na beira de um telhado.

Mira tentou empurrá-la para trás, afastando-se da borda... mas não conseguiu.

A garota oriental estava atrás dela, fitando-a com um olhar indecifrável, uma mão segurando o encosto da cadeira. Mira percebeu que ela poderia empurrá-la para a frente se quisesse, e esse seria o seu fim. A garota sorriu. Um pouquinho. Mira notou algo

mais, algo novo e desconcertante: um par de facas afiadas enfiadas nas bainhas sobre o peito da menina. O jeito como a garota parecia acostumada a usá-las deixou Mira inquieta.

– O que está achando da vista? – perguntou uma voz grave e masculina ao seu lado. Havia algo de especial naquela voz. Era envelhecida, de alguém com muito mais idade, e no mundo em que viviam... aquilo era uma coisa muito rara.

O homem se sentou com descontração numa cadeira parecida com a sua, e ao vê-lo Mira quase se esqueceu da queda mortal. Ele com certeza tinha mais de 20 anos. Muito mais do que isso. Seus cabelos eram grossos, penteados para trás, entremeados de fios grisalhos; e as feições exibiam as marcas da idade: rugas ao redor dos olhos e da boca, sulcos na testa, vincos em toda a parte. Ela achou que ele devia ter algo em torno de 50.

O homem era um Imune, obviamente, um dos raros sortudos que por algum motivo não eram afetados pela Estática. Estava sentado na cadeira, contemplando as luzes piscantes e os amontoados de madeira e chapas de metal que compunham a cidade flutuante.

– Gosto de subir aqui só para poder admirar tudo isso – continuou o homem. – Me faz lembrar o que podemos fazer quando somos inspirados pelas coisas certas. Uma década atrás, se disséssemos que um mundo só de crianças e adolescentes teria tudo isso que tem agora, teríamos sido taxados de loucos. No entanto, aqui estamos. O poder da fé.

– Tem razão – respondeu Mira, os olhos de volta ao abismo à sua frente. – É inspirador à beça. Que tal agora me tirar daqui? Já entendi qual é a sua.

– Será que entendeu mesmo? – O homem finalmente se virou para olhar Mira. Seus olhos eram azuis, frios e completamente livres

da Estática. – Meu nome é Armitage. Mas Reiko me avisou que você já sabe.

Mira esticou o pescoço para olhar para trás e viu a garota oriental segurando-a sobre o vazio e olhando para ela de um jeito indiferente. Então esse era o nome dela.

– Quer dizer então que você é só uma informante, hein? – perguntou Mira.

Reiko deu de ombros.

– Eu disse para não confiar em mim.

Com o canto dos olhos Mira viu Armitage acenando para Reiko com a cabeça. A garota recuou, soltando a cadeira. No mesmo instante em que fez isso, Mira arrastou a cadeira para longe da borda e soltou um suspiro de alívio.

Reiko se virou e saiu, desaparecendo por uma porta que levava à escada do telhado. Armitage se levantou e foi até Mira. Ela estava longe da beira do telhado, mas continuava amarrada à cadeira, sem poder se mexer.

– Olha só – tentou Mira –, acho que a nossa negociação começou com o pé esquerdo.

– Negociação? – Armitage perguntou com um ar divertido. – Então é isso que estamos fazendo? – Ele segurou a parte de trás da cadeira e girou-a. Mira viu luzinhas natalinas coloridas penduradas entre os caibros do telhado coberto de neve. Havia um grande telescópio de bronze na extremidade oposta e uma mesa com cadeiras perto de onde estavam. Em cima da mesa, Mira viu uma coisa. E quando percebeu o que era, tudo parou.

Eram pilhas de cartazes, uma centena deles. Imagens de uma pessoa – de perfil e de frente – impressas em tinta vermelha. Eram desenhadas, mas muito bem-feitas. Qualquer um que as comparassem com Mira não teria dificuldade para ver a semelhança.

Procurada VIVA:
Mira Toombs. Bucaneira
Por crimes contra a CIDADE DA MEIA-NOITE
e a Facção dos Demônios Cinzentos

Na parte inferior do cartaz, a recompensa era apresentada como de costume: a possibilidade de escolher entre uma quantidade substancial de pontos ou um item de uma lista de objetos valiosos. O coração de Mira acelerou. Com uma expressão tensa, ela olhou para Armitage.

O homem a analisava com simpatia.

– A negociação é sempre melhor quando se põem as cartas na mesa. Não acha?

Mira não disse nada, porque não havia nada a dizer. Aquele tal de Armitage sabia quem ela era. Ele a tinha na palma da mão, e ambos sabiam disso.

Armitage acenou com a cabeça para os cartazes ao se sentar na outra extremidade da mesa.

– Não sei bem como esses cartazes chegaram aqui tão rápido, mas não me surpreenderia se soubesse que a Cidade da Meia-Noite tem Portais ligando-a a Baía Invernal. Felizmente, vieram parar na minha mão primeiro. Assim como todo o resto.

Mira apenas olhou para ele.

– O que você quer? – ela perguntou.

– A pergunta certa é: o que você quer? – Ele analisou Mira com um olhar vagaroso e impassível, em seguida pegou o pedaço de pano que ela tinha exibido no distrito comercial. – Reiko me deu

isto, me mostrou o que você está procurando. Uma mercadoria como esta, nem preciso dizer, vale uma recompensa e tanto.

– Como o quê?

Armitage se inclinou para trás e colocou as botas displicentemente sobre a mesa.

– Diga-me, Mira Toombs... o que você sabe sobre a Máquina?

Os olhos de Mira se estreitaram. Então é disso que se trata?

– A lenda de Baía Invernal, não é? Uma grande sala cheia de armadilhas, que protege algo valioso, mas ninguém sabe bem o quê, porque nunca ninguém saiu de lá vivo pra contar a história. – Mira franziu a testa ao ouvir as próprias palavras. Elas pareciam tolas, mesmo num lugar como aquele. – Para mim parece mais uma lenda urbana do que qualquer outra coisa.

– Oh, não! – respondeu Armitage. – Receio que a máquina seja muito, muito real. Foi construída anos atrás pelo Quórum, logo depois da base de Baía Invernal. Uma câmara gigantesca que funciona com um conjunto de engrenagens e sistemas hidráulicos tão complexos que é quase uma obra de arte. Tudo projetado com um único propósito: matar qualquer um que tente entrar lá. – O olhar de Armitage vagou para além de Mira e ela percebeu que ele tinha o hábito de não olhar para o interlocutor quando falava, como se sempre houvesse algo um pouco mais interessante logo atrás dele. – Mas para quê? O que o Id poderia estar tão desesperado para proteger?

– Como é que eu vou saber? – perguntou Mira. – Construir cidades no meio de lagos não é exatamente a coisa mais sensata a fazer, não acha? Em lugares como este acho normal a gente dar de cara com excentricidades. – Mira já tinha ouvido o suficiente. Ela queria acabar logo com aquilo, fosse o que fosse. – Olha, você é bom de papo, gosta de se exhibir, já saquei, mas se esses cartazes

estão aqui, posso apostar que os caçadores de recompensa também estão. Então podemos ir direto à parte em que você me diz o que quer?

Os olhos de Armitage lentamente voltaram a se concentrar nela.

– O que eu quero é que você faça algo que ninguém jamais fez. Quero que vença a Máquina.

Mira ficou em silêncio por um instante. Então ela riu alto.

– Fala sério, não sou especialista em arrombar cofres! Você precisa de um ladrão, não de uma Bucaneira.

– Essa é a primeira coisa que você disse esta noite que está errada. Muitos ladrões tentaram vencer a Máquina. Ladrões dos bons. Estão todos mortos.

– Falando assim vai ser difícil você me convencer...

Armitage ficou de pé e se inclinou para a frente.

– Pense: a punição para Bucaneiros que entram em Baía Invernal não parece um pouco... exagerada? – Ele se referia à sentença de morte, evidentemente.

– Eu já disse – Mira respondeu. – Uma cidade flutuando sobre um lago. Excentricidades. E odeiam artefatos aqui.

– Mas os artefatos já foram banidos – rebateu Armitage. – Ninguém vende ou troca artefatos por aqui. A pena para quem faz isso é a morte também. Então por que não deixar os Bucaneiros entrarem na cidade? Por que fazer tudo para assustá-los a ponto de nem virem para cá?

– Algo me diz que estou prestes a ouvir uma teoria... – disse Mira. Armitage sorriu.

– Acho que os Bucaneiros não são permitidos em Baía Invernal por uma única razão: só um Bucaneiro pode vencer a Máquina.

A ideia era bastante simples, mas suas implicações fizeram Mira refletir. Ela pensou um pouco, mas não chegou à conclusão

nenhuma.

– Mas sem artefatos, um Bucaneiro é como qualquer pessoa.

– Você sabe que isso não é verdade. Mesmo sem artefatos, um bom Bucaneiro ainda tem instintos. Sabe sobreviver nas Terras Estranhas, um lugar onde você morre se não tiver jogo de cintura. Alguém assim parece, a meu ver, uma boa aposta para vencer a Máquina. Especialmente se essa pessoa tiver artefatos.

Ao ouvir essa última parte, o olhar de Mira endureceu. Ela podia sentir na voz dele um significado oculto.

– Você tem artefatos! – concluiu. – Aqui, em Baía Invernal.

O olhar de Armitage se desviou e ele voltou a olhar além dela.

– Estou esperando por isso há muito, muito tempo, Mira. Um Bucaneiro habilidoso, com as razões certas para se arriscar a vir até aqui, com o tipo de problema que ele arriscaria tudo para resolver.

Mira balançou a cabeça.

– Mas aí é que está. Se essa Máquina é tão perigosa como todo mundo diz, o risco não vale a pena. Posso encontrar o que eu preciso em outro lugar.

A porta se abriu novamente e Reiko voltou, carregando uma grande maleta preta de metal, com duas alças e um símbolo colorido na tampa que Mira não conseguiu ver direito. Quando olhou para a maleta, viu algo que tinha lhe escapado antes. Algo que ela não esperava.

Em três dedos da mão esquerda, Reiko usava anéis. Cada um deles feito com uma espécie de cristal liso... E cada um cintilava numa cor diferente, luminosa, como se fosse imbuído de algum tipo de energia. Vermelho, azul e verde. Mira fez de tudo para disfarçar sua surpresa. Ela conhecia muito bem aqueles anéis, já tinha visto outros assim antes, mas não sabia por que aqueles estavam na mão de alguém de Baía Invernal.

– Suponho que tenha razão – concordou Armitage quando Reiko colocou a maleta sobre a mesa. – Quebrando a cabeça por aí, em algumas semanas, talvez um mês, você talvez encontre o que precisa. Mas... e se eu pudesse lhe oferecer algo melhor?

– Melhor? – Mira perguntou desconfiada.

– O que você quer é valioso demais para encontrar numa loja ou barraca da cidade, mas você sabe disso. Está aqui porque precisa de alguém que lhe indique o lugar certo – disse ele. – Você precisa de um X num mapa do tesouro, não é mesmo? – Ele tinha razão, mas Mira ficou em silêncio. – Bem, Mira, qual é a única coisa melhor do que um mapa do tesouro?

A resposta era óbvia. Só havia uma coisa mais valiosa do que um mapa do tesouro: o próprio tesouro.

Reiko virou delicadamente a maleta. Na parte da frente havia um símbolo redondo, dividido em seis triângulos amarelos e pretos apontando para um círculo preto no centro. Assim como a estampa de Mira.

Ela sentiu o coração bater mais forte no peito, mas, mesmo assim, recusou-se a acreditar que seria tão fácil.

– Não é possível que você tenha isso aí.

– Por que não? – perguntou Armitage. – É algo tangível, não é? Algo que qualquer um pode pegar e levar, se conseguir encontrar... E tem um valor inestimável, de fato. Assim como muitas coisas agora, ficou ainda mais valioso desde que os Confederados apareceram. Por causa do lugar onde é encontrado. As Terras Estranhas. Por que eu não teria algo assim? Um homem na minha posição?

– Porque... seria muito fácil. – Mira forçou-se a afastar da maleta seu olhar cheio de cobiça. – E ultimamente não ando conseguindo nada com tanta facilidade...

– Ah. Ora essa. Então não precisa mais se preocupar. – Armitage encaixou dois cliques metálicos na maleta e destrancou-a. – Não vai ser nada fácil ganhar o que está aqui dentro.

Foi automático, irresistível. O olhar de Mira voou para a maleta quando a tampa se abriu... e ela se esqueceu de respirar.

Acondicionados ali, envoltos em espuma preta, havia dois cilindros de vidro preenchidos com algum tipo de líquido claro. No centro de cada um flutuava uma lasca de cor acastanhada, imóvel.

Plutônio.

Era algo que Mira levaria meses para encontrar e teria que arriscar a vida para obter. Era o que precisava, talvez a única coisa que lhe permitiria corrigir todo o estrago que tinha feito na Cidade da Meia-Noite. Porque, como Armitage dissera, tinha um valor incalculável. Por causa de um lugar chamado Torre Partida. Um lugar que só poderia alcançar quem tivesse uma substância radioativa para usar como chave. Quem chegasse lá, sobrevivesse ao impossível... poderia conseguir qualquer coisa que quisesse.

Todo o plano dela dependia do que estava naquela maleta. E ali estava ela, naquele instante, bem diante dos seus olhos. Mira não conseguia desviá-los do plutônio.

– Não sou do tipo vingativo, Mira – disse Armitage. O homem sabia que ela estava nas mãos dele, mesmo sem os cartazes de “Procura-se”. – Isso é ruim para os negócios. Se você me disser não, se disser que quer ir embora, não vou impedi-la. Mas... – ele tocou um dos cilindros com os dedos. – faça isso por mim, vença a Máquina... e você receberá o que precisa agora. Sem ter que esperar mais, sem ter que ficar batendo perna por aí. Sua jornada acabará antes mesmo de começar.

Mira olhou para o plutônio, os pensamentos dando voltas em sua cabeça. Então Reiko fechou a maleta e a trancou. Mira olhou para

Armitage. Ainda havia uma coisa que não fazia sentido.

– O que há de tão especial nessa Máquina? O que ela guarda que faz tudo isso valer a pena?

– Isso interessa só a mim, Mira. Não a você. Mas, com sorte, tanto você como eu vamos descobrir a resposta muito em breve. – Outro sorriso apareceu no rosto dele, e havia um toque de alegria em sua voz. – Nossa! Eu adoro negócios como este. Negócios que praticamente se fecham sozinhos.

Ele estava certo, é claro. Aquela negociação de fato não tinha exigido nenhum esforço. Pela primeira vez, algo tinha vindo de bandeja para Mira. Ou ela enfrentava a morte certa dali a um mês ou enfrentava a morte certa naquele exato instante e acabava logo com aquilo. Na visão de Mira, era matemática pura e simples.

– Vou precisar de um dia, um dia inteiro, 24 horas com todos os artefatos que você puder conseguir – disse ela. – Se essa Máquina for mesmo tão perigosa, não terei tempo de construir combinações na hora; vou precisar levá-las prontas.

– Eu já imaginava. Mas tenho uma condição também. Reiko vai com você.

Mira nem se deu ao trabalho de olhar para a garota, apenas negou com a cabeça.

– Eu trabalho melhor sozinha. E uma babá só vai me atrapalhar.

– Acho que não fui claro. Reiko não é uma babá, Reiko é crucial. A Máquina precisa de duas pessoas para desarmá-la, ou pelo menos é o que dizem. Além disso... – Ele olhou para a garota cheia de vigor ao lado dele.

– Creio que você vai achar as habilidades dela mais do que úteis.

Mira olhou para os anéis na mão esquerda da menina.

– Não tenho nenhuma dúvida.

Armitage acenou para Reiko e ela contornou a cadeira de Mira e parou bem atrás dela, uma das facas cintilando na bainha sobre a camiseta da garota. A arma emitia um brilho prateado.

– Então, temos um acordo? – perguntou Armitage. – Somos parceiros e cúmplices?

Mira não estava totalmente convencida de que Armitage era alguém em quem se podia confiar, mas que escolha tinha? Ele estava com os cartazes, sabia quem ela era, e ali estava o plutônio, bem na sua frente. Valia a pena o risco, decidiu. Valia a pena qualquer coisa.

– Parceiros – Mira respondeu por fim.

Reiko olhou para Mira, um brilho de malícia no que restava dos olhos enegrecidos... Em seguida a faca reluziu e as cordas de Mira foram cortadas. Era preciso habilidade para fazer um corte como aquele, com rapidez e precisão. O gesto foi uma espécie de demonstração e cumpriu o seu propósito. Mira sustentou o olhar firme da garota.

– Valeu – disse, então.

– Disponha – Reiko respondeu com voz de gelo.

LEMBRANÇAS

MIRA SEGUIU REIKO, ziguezagueando entre aparelhos de TV e jogos de fliperama ligados, através das ruas de chão de madeira e banhadas em neon, além do distrito comercial. Enquanto passavam por tudo isso os olhos de Mira, inevitavelmente, eram atraídos pelos anéis brilhantes nos dedos de Reiko. Ainda era difícil entender.

– Você é um dos Hélices Brancas – adivinhou Mira.

A voz de Reiko soou com desprezo.

– Não é algo que eu esteja exatamente escondendo, é?

Era verdade. Aquilo também era curioso.

– Não acho que os anéis de Antimatéria sejam algo comum por aqui.

– Bem, não chegam a ser artefatos, né? Além disso... – Reiko olhou para Mira. – Ninguém é burro a ponto de querer tomá-los de mim.

Mira acreditava. Os Hélices Brancas era um culto, por falta de uma descrição melhor. Ninguém sabia muito sobre eles; viviam sozinhos, nos confins das Terras Estranhas. O que todo mundo sabia é que eram incrivelmente perigosos. Eram bem treinados para o combate corpo a corpo, e os anéis que usavam eram feitos de cristais remanescentes dos raios de Antimatéria. Quando tocados com os dedos, em diferentes sequências, permitiam que se fizessem coisas incríveis: saltos incredivelmente altos, piruetas no ar, movimentos acelerados, tudo isso manipulando de alguma forma a gravidade, a inércia ou o impulso.

Mira não tinha visto os Hélices Brancas muitas vezes, mas observá-los em ação era sempre fascinante. Lindo, até. Pelo que Mira sabia, o grupo nunca deixava as Terras Estranhas. E isso é o que fazia da presença de Reiko ali algo ainda mais misterioso.

– Eu não achava que “deixar” os Hélices Brancas fosse uma opção.

– Não é – respondeu Reiko. – São um grupo fechado, e tenho certeza de que você sabe disso. Esperam que os seus segredos morram com os seus membros. Sano-kai é o nome que os Hélices Brancas dão para quem quebra seus juramentos. Caçam o sujeito até acabar com a raça dele.

– Mas você quebrou os juramentos.

– Não – Reiko balançou a cabeça. – Na minha maneira de ver, eu nunca os fiz. Há uma grande diferença.

– Cruzou os dedos atrás das costas?

– Algo assim.

– E na visão dos Hélices Brancas? – perguntou Mira. – Será que pensam assim também?

– Vieram atrás de mim, se é o que está perguntando. – Mira notou um sorriso na voz de Reiko. – Mas os que vieram não voltaram para casa. Baía Invernal não é mais amigável aos Hélices Brancas do que é aos Bucaneiros, e passar por Armitage não é nada fácil.

Os olhos de Mira se estreitaram de curiosidade.

– Foi Armitage... quem mandou você para os Hélices Brancas? – Não era uma má ideia, Mira pensou consigo mesma. Ter seu próprio grupo de Hélices Brancas para protegê-lo era uma ótima ideia. Mesmo assim, considerando que a maioria não sobreviveria à viagem ou ao treinamento para se tornar um Hélice Branca, era uma coisa particularmente brutal forçar uma criança a fazer isso.

– Me mandou? – O tom de desprezo tinha voltado à voz de Reiko.

– Quando eu cheguei aqui, tinha 12 anos de idade. Meu irmão, Jason, tinha 18. No primeiro mês dormimos nas ruas, no distrito residencial de baixo. Um dia acordei e Jason tinha ido embora. Simples assim. Olhei em todos os lugares, perguntei a todo mundo, mas ele tinha desaparecido. Jason tinha dívidas, dívidas pesadas com gente da pesada, e descobri o que aconteceu depois que os vermes para quem ele devia dinheiro me pegaram. Segundo eles, meu irmão tinha embarcado num navio terrestre para outra cidade e mandado dizer que poderiam me pegar como pagamento, me usar como quisessem, até que achassem que a dívida estava paga. E deixaram claro que a minha vida seria um inferno por muito tempo, até que se dessem por satisfeitos.

Mira podia sentir as emoções de Reiko lentamente vindo à tona, mas não era um sentimento de tristeza, arrependimento ou medo; não havia lágrimas, disso Mira tinha certeza. Era um ódio crescente. Mira podia entender. Reiko tinha sido abandonada por alguém próximo a ela. Traições como aquelas deixavam cicatrizes profundas. Instintivamente, os pensamentos de Mira se voltaram para a pessoa que ela mesma tinha deixado na Cidade da Meia-Noite, provavelmente trancada numa cela dos Demônios Cinzentos. Perguntou-se se Ben agora sentia o mesmo que Reiko.

– Um dia eles me mandaram levar uma encomenda a Armitage – Reiko continuou, enquanto andava pelas ruas, em meio à multidão.

– Eu tinha que levar a parte dele de uma transação comercial. Foi estranho, vê-lo. Um homem adulto, o rosto envelhecido e cheio de rugas, sentado ali, a cabeça enterrada num livro. Eu tinha tentado fugir na noite anterior, pela quinta vez, então estava cheia de hematomas. Quando entrei, ele se virou para mim e me olhou de cima a baixo, sem dizer nada. Deixei o dinheiro em cima da mesa e

comecei a me afastar, mas ele me deteve e perguntou sobre os ferimentos, se os caras me machucavam. Foi engraçado. Foi só então que eu me toquei que tinha parado de sentir dor. Ela já não tinha o mesmo efeito sobre mim. Ainda não sei muito bem por quê, mas eu disse isso a ele. Armitage olhou para mim outra vez e me examinou de novo; em seguida, escreveu algo numa folha de papel, me devolveu o dinheiro que eu tinha trazido e disse para eu dar o dinheiro e o bilhete para os sujeitos que tinham me enviado. Uma hora depois... eu estava fazendo uma refeição, uma refeição de verdade, no escritório dele.

– Ele disse aos garotos para deixá-la em paz? – Mira adivinhou.

Reiko negou com a cabeça.

– Ele pagou todas as dívidas de Jason com o dinheiro da parte dele no negócio. Estamos juntos desde então. Portanto, para responder à sua pergunta, não. Ele não me fez ir para os Hélices. Ele me pediu. E eu disse que sim. Porque eu faria qualquer coisa por ele. Ele me ajudou quando não eu não tinha mais ninguém, mesmo sem me conhecer. Espere aqui. – Reiko atravessou a rua de repente, deixando Mira sozinha ali para refletir sobre a história. Certamente ela explicava muita coisa: a devoção a Armitage, a ferocidade dela, a astúcia, mas por mais cor-de-rosa que a fizesse parecer, ainda assim era uma história muito triste.

Mira observou enquanto Reiko andava até um paredão feito com as vigas do que antes era uma quadra de basquete. Luzes piscavam ali de uma maneira estranhamente hipnótica, e em volta grupos de crianças as fitavam com os olhos fixos. O paredão tinha provavelmente uns quatro metros de altura e encaixados nele, de várias maneiras diferentes, havia dezenas de televisores e monitores antigos. Telas grandes, telas pequenas, velhos televisores de tubo com antenas, monitores...

Uma após a outra, a cada poucos segundos, uma tela mostrava algo novo: imagens do Mundo Anterior. Fotos de pontos turísticos, os mais famosos de que Mira ainda conseguia se lembrar. A Estátua da Liberdade. O Memorial de Lincoln. O Big Ben. A Torre Eiffel.

Havia imagens do cotidiano, também. Rodovias congestionadas. Aviões voando em formação. Eventos esportivos de cujos nomes Mira não conseguia se lembrar. Pessoas na fila de um cinema.

As imagens se sucediam e Mira não conseguia desviar o olhar. O peso de cada uma delas a afetava com a mesma contundência. Ela se aproximou, deixando as luzes e as lembranças faiscarem sobre ela no ar frio da noite, enquanto ficava ali de pé, assistindo a tudo.

Mira viu Reiko conversando com um garoto, onde os cabos das dezenas de telas convergiam para uma caixa de ligação. Ela entregou a ele algo que Mira reconheceu. Um cartão de memória, do tipo utilizado para colocar em câmeras digitais antigas. Uma relíquia que não tinha mais nenhum significado ou utilidade... Exceto em Baía Invernal, ali, naquele paredão. Se tivesse que adivinhar, Mira diria que o cartão de memória estava cheio de outras imagens, como as exibidas ali agora.

O garoto pegou o cartão e entregou a Reiko algo provavelmente em pagamento ou em troca, mas ela balançou a cabeça, disse alguma coisa e afastou-se antes que o garoto pudesse responder. Foi uma interação intrigante.

– Vamos – disse Reiko quando passou por Mira e continuou pela rua. – E chega de conversa.

Mira olhou por cima do ombro para as imagens novamente. O monumento de Washington, o Obelisco Espacial, homens cavalgando em algum tipo de pista, médicos numa sala de emergência.

Ela sempre pensara em Baía Invernal como um lugar onde o mundo não tinha seguido em frente. Ela considerava a cidade

atrasada, ingênua, fútil. Aquele paredão de imagens, lembrando como as coisas eram, deveria ser uma confirmação de tudo isso, mas de alguma forma não era. Ver o esforço necessário para compor o paredão, sabendo que ele estava sempre crescendo como uma espécie de consciência histórica conjunta...

Mira não tinha certeza se conseguiria esquecer aquele lugar tão cedo.

Caminhou atrás de Reiko em silêncio, olhando para trás até que as telas saíram de vista, em meio à multidão.

OS SUBMOTORES

MIRA SEGUIU O FOCO DA LANTERNA de Reiko através de uma espessa escuridão ondulante, que cheirava a peixe, água parada e óleo de motor. A luz revelava as sombras recortadas de quase cem barcos enferrujados, deteriorando-se naquele enorme mausoléu flutuante.

Aqueles eram os chamados Submotores, a Baía Invernal original, antes de ter sido erigida; a famosa base de apoio da cidade mais acima – e não era um lugar silencioso. Em todos os lugares, ouviam-se o rugido e o sacolejo dos motores, o que restava das velhas embarcações agitando a água em meio à escuridão, gerando energia para a cidade.

O ar estava cheio de vapores de gasolina. Havia respiradouros em alguns lugares, sugando a fumaça para fora, mas Mira ainda tinha que piscar para afastar as lágrimas.

Reiko, por sua vez, estava muito mais à vontade ali; o ar viciado parecia não afetá-la. A garota visitara aquele lugar muitas vezes, Mira pensou, e isso por si só já era interessante.

Elas entraram nos Submotores através de uma passagem secreta na parte de trás de uma velha oficina de consertos. Uma escotilha no chão dava passagem para a ponte de um velho rebocador, e ali elas tiveram que andar na escuridão. Tudo o que Mira sabia era que estavam indo para o lugar onde Armitage guardava seus contrabandos. Se alguém quisesse esconder algo perigoso, os Submotores pareciam um bom lugar, e não havia nada mais perigoso na cidade do que possuir artefatos das Terras Estranhas.

Mira seguiu Reiko por uma velha ponte cheia de musgo que ligava duas barcaças. Enquanto andavam, observou a garota novamente. Mesmo no escuro, seus passos eram silenciosos com os de uma pantera; suaves, controlados, sem desperdício de energia. Não era um andar espalhafatoso. Era funcional e insinuava uma agilidade ainda maior. A menina era um enigma em todos os sentidos.

– Aquela parede de telas, lá atrás... – perguntou Mira. – O que era?

– O Paredão da Memória.

Considerando as imagens que ele mostrava, parecia um nome muito bom.

– É o único?

– Não, existem cinco em Baía Invernal. A galera não para de acrescentar coisas, sempre que encontra novas imagens. É por isso que todos se reúnem em volta, para ver o que há de novo.

– Você levou mais algumas, não foi? – perguntou Mira. – É isso que havia no cartão de memória.

Reiko ficou em silêncio por um instante.

– Às vezes encontro fotos para eles, sim, por aí. Pode render algum dinheiro. Estão ficando cada vez mais difíceis de encontrar. Mais raras.

– Mas você não cobrou por essas – observou Mira. – Deu de graça.

Reiko enrijeceu.

– Pare de tentar descobrir coisas sobre mim, Bucaneira. Não precisamos ser amigas para trabalhar juntas.

– Só estou dizendo que deve significar algo para você, o Mundo Anterior.

– Não tem a ver com o Mundo Anterior – respondeu Reiko.

– Tem a ver com o quê, então?

Reiko não respondeu. À frente delas, um barco surgiu na escuridão. Mira não podia ver muito bem, mas parecia um velho barco de pesca. Ao contrário dos outros, não havia uma ponte que levasse até ele. Entre a embarcação e a velha balsa em que estavam só havia uma faixa de água escura e gelada. E larga demais para que saltassem.

– Espere aqui – mandou Reiko, tocando os anéis no dedo indicador e médio ao mesmo tempo. Mira viu um clarão amarelo quando a garota saltou graciosamente no ar.

Mira viu quando ela voou em direção ao barco de pesca, transpondo um espaço muito maior do que qualquer pessoa normal seria capaz, dobrando o corpo, lançando-se para a frente... e desaparecendo na escuridão. Se ela tinha alguma dúvida quanto à verdade por trás dos anéis e da formação de Reiko, agora não tinha mais nenhuma.

Segundos depois, algo começou a se mover ao som de uma manivela, e uma sombra baixou em direção a Mira. Outra ponte, arqueando lentamente até tocar a borda do barco em que Reiko estava.

– Vem ou não vem? – souou a voz impaciente de Reiko da escuridão à frente.

Mira suspirou e deu um passo para a ponte. Quando a cruzou, viu-se no convés do outro barco, enquanto Reiko já andava em direção a uma porta.

Elas a atravessaram, desceram um lance de escadas até as entranhas da velha embarcação e, por fim, entraram num espaço amplo e aberto. A lanterna de Reiko estava apagada, não se via nada, e Mira ouviu uma porta pesada se fechando atrás dela. Onde quer que estivessem, o zumbido grave de algo mecânico e envelhecido ecoava no ar.

– Isso dói nos ouvidos – disse Reiko. Uma nova luz se acendeu e Mira fechou os olhos. Depois de quase uma hora num ambiente escuro como breu, aquilo feriu mais que um ferrão. Por fim, sua visão se adaptou e ela viu onde estava.

Era a casa das máquinas do barco, suas turbinas e engrenagens todas acondicionadas no centro do cômodo, enferrujadas com o tempo, mas ainda funcionando. No entanto, não foi naquilo que os olhos de Mira travaram.

Entre os dois blocos de motores, havia uma antiga bancada. Em cima dela, dentro de armários ou sobre as prateleiras que circundavam a sala, havia dezenas e dezenas de objetos aparentemente banais que Mira sabia que eram tudo menos... banais.

Havia pilhas, moedas embrulhadas em plástico, ímãs, bobinas e fios de arame, lápis, cliques de papel, pregos e parafusos, molas, placas de circuito, frascos com vários tipos de pó, mármore, lâmpadas e todo tipo de quinquilharia. Os pelos dos braços de Mira se arrepiaram. Aquele era um efeito colateral de se estar nas Terras Estranhas... ou de se estar numa sala com uma grande quantidade de artefatos.

Mira contemplou tudo com um olhar de cobiça. Armitage tinha adquirido um verdadeiro arsenal, e o fato de ele ficar debaixo da cidade, um lugar onde os artefatos eram ilegais, tornava tudo ainda mais impressionante.

– Acha que pode fazer alguma coisa com isso? – perguntou Reiko.

– Sim – respondeu Mira suavemente. – Com certeza posso.

O BURACO

SEMPRE QUE MIRA TRABALHAVA com artefatos o tempo perdia o sentido. Até o zumbido profundo dos velhos motores ao fundo desapareceu completamente. E não era porque ela tinha muito que fazer, era mais porque havia um mês não fazia combinações com artefatos de qualidade.

Mira era excepcionalmente talentosa no que fazia, talvez fosse a melhor, e isso não era orgulho ou arrogância, mas a mais pura verdade. Ela criava artefatos com mais facilidade do que as outras pessoas. As combinações lhe ocorriam naturalmente, e ela se orgulhava não só da criatividade com que as criava, mas também das suas virtudes estéticas. Infelizmente, desde que deixara a Cidade da Meia-Noite, parecia que estava sempre fazendo combinações freneticamente, pressionada pelo tempo. Ela não podia mais se dar ao luxo de fazer tudo com calma. Agora seus artefatos eram criados aos trancos e barrancos, com pedaços de fita adesiva ou elásticos, sem arte nem capricho. Isso era mais uma coisa que tinha perdido ao fugir da Cidade da Meia-Noite, algo de que sentia muita falta, e era incrível poder voltar a fazer artefatos com atenção aos detalhes novamente.

Mira posicionou o último componente da combinação em que estava trabalhando. Quando a Interfusão ocorreu, houve um clarão e, em seguida, um zumbido, como algo elétrico sendo ligado. Os artefatos tinham sido misturados com algo chamado Aleve, que reduzia o peso de qualquer coisa que o tocasse.

A combinação era feita de um conjunto de peças estranhas. Entre duas moedas grandes havia um lastro de chumbo usado em pescaria, que servia como Essência, e uma pequena arruela como Foco. Tudo amarrado com fio azul num pingente enfiado numa corrente de prata.

Mira colocou o Aleve na bancada, junto com as outras combinações, e deu uma olhada em tudo. Apostava que a Máquina tinha sido construída na vertical, assim como praticamente tudo em Baía Invernal, e tinha feito suas combinações levando isso em conta. Havia Vácuos Gravitacionais, dois deles, além do que ela sempre usava em volta do pescoço para emergências. Afinal, nunca se sabia quando um bom bolsão de gravidade zero poderia vir a calhar.

Ela levaria o Aleve, dois Dínamos, um Flex, um Refletor e um Gravitron, para não correr o risco de faltar alguma coisa. Todos estavam sobre a bancada, zumbindo em alto e bom som, prontos para serem usados. Mira sorriu com a visão. Apesar da promessa de perigo que continham, ela ainda assim...

Ouviu um baque seco e alto e as lâmpadas da casa das máquinas subitamente se apagaram, mergulhando tudo na escuridão. Os motores se calaram e tudo ficou em silêncio. Mira congelou no lugar, tensa, mas nada além disso aconteceu. Através das paredes, ela ainda podia ouvir os outros barcos ronquejando no lugar, o que significava que o problema, independentemente do que fosse, se limitava ao barco de Armitage.

Deve ser um disjuntor, pensou, o que não era nada bom. Ela não gostava muito da ideia de ficar ali sozinha no escuro, e tinha mais artefatos para fazer.

Mira tateou no escuro até encontrar sua mochila, então tirou dali uma lanterna e acendeu-a, iluminando os cantos da casa das máquinas enquanto andava.

Onde será que ficava a caixa de disjuntores de um barco? Um rápido exame nas paredes com a lanterna revelou que não ficava na casa das máquinas. Mas aquele não era o único cômodo do convés inferior.

Quando Reiko a levara até ali, Mira tinha visto duas portas: a que tinham atravessado a caminho da casa das máquinas e outra, do lado oposto, que levava à proa do navio. Aquele era o seu melhor palpite.

Mira pegou a mochila e voltou pelo pequeno corredor, avançando à luz da lanterna através da escuridão espessa do barco. Encontrou a porta de que se lembrava e tentou abri-la. Estava trancada. Claro.

Mira hesitou. Só porque estava bloqueada, isso não significava que não poderia entrar. Havia outras maneiras... Armitage provavelmente não gostaria de vê-la bisbilhotando por ali. Mas iria gostar muito menos se voltasse e visse que ela não tinha feito artefatos suficientes para cumprir sua tarefa. Ela precisava daquelas luzes, não tinha outra escolha.

Vasculhou a mochila novamente e tirou dali um chaveiro carregado com cerca de uma dúzia de chavinhas de diferentes cores e formatos, todas marcadas com o símbolo δ . Eram Chaves Mestras, artefatos principais das Terras Estranhas, que abriam qualquer fechadura. Eram raras e muito valiosas, e naquele chaveiro estava toda a coleção de Armitage.

Ela tirou uma chave do chaveiro e olhou para a porta. No buraco da fechadura cabia uma chave muito maior, mas isso não fazia diferença. Quando Mira a enfiou na fechadura, surgiram uma faísca e um zumbido, e de alguma forma a chave alterou seu formato para caber dentro do buraco.

Mira girou a chave e, com um clarão, a porta emitiu um clique ao ser destrancada. Quando removeu a chave, outra faísca... e a coisa

toda se desintegrou num punhado de pó e aparas metálicas que ela espanou das mãos. Chaves Mestras só podiam ser usadas uma vez.

Ela forçou a porta para que se abrisse, provocando um barulho como o de unhas arranhando um quadro-negro ao arrastá-la pelo assoalho de aço. Em seguida entrou no cômodo escuro do outro lado.

A primeira coisa que notou foi o cheiro, a mistura desagradável de gasolina, água parada e peixe, que vinha de fora. A segunda foi que, mesmo no escuro, o cômodo parecia ter alguma coisa... errada. Era a única maneira de descrever o que sentia. Estava frio ali e havia uma sensação perturbadora de peso no ar. Tudo o que a lanterna iluminava era o chão em frente à porta. Ela podia levantá-la e iluminar o cômodo, mas Mira seguia seus instintos, e eles lhe diziam que aquela era uma ideia muito ruim. O que quer que houvesse ali, não era algo que ela quisesse ver.

Felizmente, a caixa dos disjuntores estava instalada bem perto da porta. Ela a abriu e iluminou lá dentro com a lanterna. Um dos disjuntores tinha desligado. Mira empurrou-o de volta para a posição "ligado". Na sala ao lado, ela ouviu os motores começarem a roncar novamente e soltou um suspiro. A lâmpada solitária no teto piscou fracamente quando acendeu, sua luz amarronzada de tanta poeira. Mira sabia que deveria virar as costas antes mesmo de ver o que havia no cômodo, mas não se moveu, paralisada de medo ou por alguma curiosidade mórbida. Só ficou ali e percorreu a sala inteira com o olhar. Imediatamente desejou não ter feito isso.

Só havia alguns objetos dignos de nota ali dentro. Um deles era uma cadeira de metal grosso, presa ao chão, perto da parede de trás, com apoios para os pés guarnecidos de grossas tiras de couro, prontas para serem afiveladas. Havia tiras parecidas para os braços.

Perto da cadeira havia uma única bancada, repleta de ferramentas com implicações sombrias: alicates, grampos, um maçarico pequeno, um martelo, uma variedade de facas e navalhas. Debaixo da cadeira, o chão estava coalhado de manchas escuras e, por mais terrível que tudo aquilo fosse, algo muito pior chamou sua atenção.

Havia um buraco irregular recortado no centro do assoalho, onde Mira viu água ondulando suavemente sobre a borda e escoando de volta. Era uma abertura para o lago, mais abaixo. Algo na visão daquele buraco causou em Mira uma sensação de frio como nunca sentira em sua vida. De onde estava, ela podia ver as profundezas negras do poço, que mergulhava numa linha descendente.

A mente de Mira ficou em branco. De alguma forma, conseguiu obrigar suas pernas a passar novamente através da porta e batê-la para fechar. Quando fez isso, apoiou-se contra ela e lembrou-se de respirar mais uma vez, engolindo o ar assustada.

Quando suas mãos pararam de tremer, sua mente foi assaltada por uma enxurrada de pensamentos. Aquele buraco no chão significava que Armitage era mais do que simplesmente um negociante ou até mesmo um canalha; ele era um assassino! Um sujeito mal-intencionado, que não hesitaria em despejar o que restasse dela naquele buraco, junto com os despojos de todos os outros que um dia se sentaram naquela cadeira.

Isso significava outra coisa, também. Estava muito claro que, se o objeto que Armitage queria era tão valioso a ponto de alguém igualmente sádico ter engendrado aquela Máquina para guardá-lo, ele muito provavelmente não tinha nenhuma intenção de deixá-la viver depois que não tivesse mais utilidade. As pessoas que faziam coisas como aquele cômodo ali atrás não eram do tipo que deixava pontas soltas.

Mira olhou para as escadas que levavam para cima e para fora, de volta aos Submotores. Poderia ir embora naquele exato instante, encontrar outra saída de volta à cidade, sair dali e nunca mais olhar para trás. Armitage poderia enviar Reiko atrás dela, ou não, mas esse era um jogo que valeria a pena jogar. Porque ela já estaria enfrentando a morte certa se continuasse agora.

As últimas palavras de Olive ecoavam em sua mente. Lembre quais são os seus limites...

Mas, pensando bem... em que a situação de Mira era diferente do que tinha sido? A Máquina em si era morte certa, e ainda assim ela estava disposta a enfrentá-la. Isso porque valia a pena se arriscar pelo plutônio. Obtê-lo sem demora, poupar meses de busca, ter nas mãos o componente-chave de seu plano para consertar tudo na Cidade da Meia-Noite – por isso valia a pena fazer quase qualquer negócio.

A constatação acalmou um pouco os nervos de Mira, e ela sentiu sua respiração começar a voltar ao normal. Afinal de contas, não estava numa situação melhor do que antes? Antes ela tinha suspeitas, mas não sabia ainda com que tipo de homem estava lidando ao tratar com Armitage. Agora ela sabia. Sabia o que a aguardava se conseguisse vencer a Máquina. O que significava... que poderia se preparar para isso. Poderia se precaver.

Um leve sorriso se formou em seus lábios, junto com o início de um plano. Ela precisava fazer mais uma combinação de artefatos, mais uma, e então...

Mira ouviu o barco vibrar e um barulho do lado de fora parecido com correntes passando por roldanas. Tinha que ser a ponte que ligava o barco aos Submotores, o que significava que Reiko e Armitage estavam chegando.

Com os olhos arregalados, Mira correu de volta para a casa das máquinas. Ela tinha que fazer os últimos artefatos e colocar um deles em posição antes que os dois aparecessem... Do contrário, seu plano iria por água abaixo.

UMA IDEIA

QUANDO MIRA TERMINOU a primeira combinação e ouviu o zumbido provocado pela Interfusão, suas mãos trabalhavam tão rápido que mais pareciam borrões. Acima, a ponte tinha sido recolhida, o que significava que Reiko e Armitage estariam ali em breve. Mira não sabia quanto cada um deles sabia sobre artefatos – como estavam em Baía Invernal, havia mais chance de que não soubessem muito –, mas não podia correr nenhum risco. Se reconhecessem o que ela estava fazendo, isso despertaria a desconfiança de Armitage, e a desconfiança dele era a última coisa de que precisava agora.

Enfiou a primeira combinação na mochila e começou a trabalhar na segunda, amarrando uma mistura de pilhas, cliques de papel, cacos de espelho, bobinas de fio de cobre, moedas pequenas, moedas grandes e frascos com um pó prateado. Era um artefato de três camadas, três combinações fundidas numa só, e ela terminou a primeira no momento em que ouviu a porta no alto da escada se abrir.

O coração de Mira batia freneticamente, suas mãos tremiam. Ela nunca tinha feito um artefato tão complicado com tanta rapidez, mas não tinha escolha. Precisava se concentrar. O zumbido encheu o ar quando a segunda camada passou pela Interfusão.

A porta do cômodo estremeceu... mas não abriu.

Mira a tinha trancado ao fechar. Isso os atrasaria por tempo suficiente para que ela fizesse a terceira camada e terminasse a...

Ouviu o som metálico de uma chave sendo encaixada na fechadura do outro lado.

Os olhos de Mira se arregalaram. A simples ideia de que Armitage podia ter uma chave não havia lhe ocorrido. Ela teria segundos apenas, não minutos.

Forçou as mãos a se moverem mais rápido, colocando um componente após o outro numa massa com as duas outras camadas, misturando-os, certificando-se de que alinhamento estava correto, assim como a polaridade das moedas, e fazendo tudo a uma velocidade vertiginosa.

A fechadura fez um clique. A porta começou a se abrir com um rangido.

Mira envolveu os componentes com linha verde, dando-lhes uma forma mais ou menos triangular. O ar brilhou e ouviu-se um zumbido quando o artefato passou pela Interfusão. Ela enfiou o artefato no bolso e, no último instante, pegou a mochila da bancada e atirou-a no canto da sala.

Seu coração batia na boca quando a porta se abriu.

– Acabou o tempo. Lápis na carteira. – Armitage entrou, seguido por Reiko. Ele carregava a pesada maleta preta com o símbolo da radiação, e a visão dela quase bastou para que Mira esquecesse o nervosismo. Era um lembrete do motivo pelo qual estava assumindo todo aquele risco.

– Por que você trancou a porta? – Reiko perguntou, os olhos fixando-se em Mira no momento em que entrou. Seus punhais ainda pendiam das bainhas no peito.

Mira deu de ombros.

– Estou numa sala cheia de artefatos em Baía Invernal... Acho que fiquei meio paranoica.

– A paranoia é uma grande virtude! – respondeu Armitage. – Mantém você vivo. É o que eu teria esperado de uma Bucaneira.

Os três se entreolharam em silêncio. Se tinham alguma suspeita sobre o que ela estava fazendo ali embaixo ou o que tinha visto, não dava para perceber. No entanto, ela disse a si mesma para ficar alerta.

Reiko, com um rolo de corda grossa enrolada transversalmente sobre a camiseta de David Bowie, jogou sobre a bancada duas tiras de couro grosso com fivelas. Mira colocou as duas em torno dos ombros, cruzando-as no peito, e afivelou-as. Então pegou cada um dos artefatos na bancada e começou a prendê-los nas tiras, tentando não deixar transparecer o tremor nas mãos.

– Sabe, a recompensa por você é maior do que qualquer outra que já vi – comentou Armitage, com descontração.

Mira olhou para ele com apreensão, mas Armitage devolveu seu olhar temeroso quase como se sentisse insultado.

– Pode ser tentador para um caçador de recompensas, garota, mas para mim é uma migalha. Estou muito mais interessado em nosso acordo. Mas fiquei curioso... O que você fez para ganhar esse tipo de atenção dos Demônios Cinzentos?

Mira olhou para baixo. Este não era o seu assunto favorito.

– Eu era um deles – contou. Armitage levantou uma sobrancelha, interessado. – Eu... fiz uma coisa que não deveria. Algo que eles queriam.

– Queriam muito, pelo que parece – Armitage comentou. – Uma combinação de artefatos, apostó.

Mira continuava em movimento, prendendo os artefatos nas tiras.

– Pode ser.

Armitage sorriu.

– Como eu disse, a única coisa que me interessa é o nosso acordo.

– E eu ainda não sei muito bem que acordo é esse. Você ainda não me disse o que essa Máquina guarda. – Mira tentou parecer indiferente enquanto andava em direção à sua mochila, jogada num canto.

– Tem certeza de que quer realmente saber? – Armitage perguntou atrás dela. – É bem provável que não goste da resposta.

– Gostaria, sim, de saber pelo que estou arriscando a minha vida – disse Mira. Ela se ajoelhou devagar na frente da mochila e, ao fazer isso, tirou do bolso a combinação triangular que tinha acabado de fazer.

– Mas você sabe. – Mira ouviu Armitage abrir a caixa preta. – Está arriscando sua vida por isso. O único que está arriscando alguma coisa pela Máquina sou eu.

– O que você está arriscando, exatamente?

– Um monte de coisas. – Armitage olhou para Reiko. – Uma parceira valiosa. Respeito. Todos esses artefatos que juntei ao longo dos anos. Você é uma Bucaneira, sabe melhor do que ninguém que o risco faz parte do jogo.

Num movimento suave, que ela esperava que ninguém visse, Mira colocou a combinação de pé num canto, certificando-se de apontá-la na direção do centro da sala. Ninguém atrás dela pareceu notar.

– Você vai me dizer ou não?

Armitage fez uma pausa.

– Uma ideia.

Mira pegou a mochila e atirou-a por cima do ombro, olhando para Armitage com um ar de dúvida enquanto fazia isso.

– A Máquina está guardando... uma ideia?

– Eu disse que você não ia gostar.

– Isso não faz nenhum sentido.

Armitage fitou-a por um instante.

– Pode não parecer, mas eu não cresci num ambiente cercado de perigos, mas num bairro agradável, confortável e pacato de Jersey. O que não significa que não fosse assustador. Todos os lugares têm aspectos assustadores, e no meu caso era a escola... Eu não me entrosava muito bem e, quando as pessoas não se entrosam, geralmente acabam adotando a mesma estratégia: são discretas, evitam chamar atenção. Mas havia um garoto, o nome dele era Max. Um brutamonte que parecia dez anos mais velho do era. E ele era um verdadeiro tirano. Já tinha mandado mais de uma criança para o hospital, passado uma temporada num reformatório para delinquentes juvenis, o de sempre, e por mais que eu tentasse me esconder, ele sempre me via. Tomei quatro surras do Max antes de finalmente me cansar dele.

Mira se aproximou da bancada novamente e se encostou nela, tentando ficar entre Armitage, Reiko e a combinação que tinha deixado no canto. Só precisava que não vissem o artefato deixado ali.

– Eu tinha uma bicicleta muito legal que meu pai tinha me dado – ele continuou. – Era uma Schwinn de corrida, vermelha e prata; ainda me lembro dela. Todo mundo na escola gostava daquela bicicleta, inclusive Max. Ele me disse muitas vezes que ia pegá-la, tomá-la de mim e me dar uma surra daquelas. Então, todo dia depois da escola, durante uma semana, eu murchava o pneu da frente e pegava a bomba de ar. Esperava Max, de costas no quintal de casa, e deixava que ele me visse sozinho com a bicicleta. Um dia, finalmente, ele mordeu a isca.

O olhar de Armitage perdeu a suavidade, e ele ficou olhando para Mira de um jeito desconcertante. Por mais antiga que fosse a história, ela ainda tinha um certo poder sobre ele. Era uma daquelas experiências que fazem da pessoa o que ela é.

– Naquela época, as bombas de ar eram sólidas e pesadas, era como ter dois pés de cabra na mão, um dentro do outro. Max veio por trás, com todo aquele excesso de confiança, espalhafatoso... e eu girei o corpo e acertei o joelho direito dele com a bomba, acho que cheguei a deslocá-lo. Então dei uma surra no moleque. Pra valer. Quebrei o nariz dele, alguns dentes, fracturei seu crânio, quebrei uma costela, disso tenho certeza. E depois o deixei ali, sangrando. E veja que coisa engraçada, ele nunca contou a ninguém. Provavelmente porque estava muito ocupado. Todos os dias, depois disso, um novo garoto pulava em cima dele e conseguia sua própria vingança. Era como ver tubarões em frenesi. – Armitage deu um sorrisinho. – Percebi que, na verdade, eu não tinha medo de Max. Eu tinha medo da ideia de Max. Todo mundo naquele lugar dizia que Max era o garoto mais malvado das redondezas, então acreditavam, até que a realidade se mostrou a todos. Depois disso as coisas mudaram muito rápido. Eu aprendi com isso. Aprendi que é a percepção das pessoas que importa, é o que elas acreditam. E a crença sempre vem de ideias, Mira, e o mais importante é que essas ideias não têm nem que se aproximar da verdade para que as pessoas as aceitem. Uma única ideia, do tipo certo, pode inspirar coisas incríveis... ou incitar horrores indescritíveis. Guerras, cruzadas, milagres, invenções, todos eles começaram como ideias. São a verdadeira moeda deste mundo, antes dos Confederados e agora. Talvez agora mais do que nunca.

Mira o observou com atenção, as coisas ainda não se encaixavam muito bem.

– Mas da forma como você descreve a Máquina, ela parece mais um cofre – disse Mira. – Uma ideia não é algo tangível. Você não pode simplesmente trancar uma ideia.

– Não pode? – Armitage perguntou, seus olhos frios e cristalinos focados em Mira, com um ar de divertimento.

Parecia loucura. Armitage não era louco, porém, Mira tinha certeza disso. Ele era ambicioso e perigoso, mas estava em seu juízo perfeito. O que significava que havia algo por trás do que ele estava dizendo, ela só não sabia o quê.

– Suponho que vamos descobrir. Depois desta noite, o meu palpite é que Baía Invernal vai ser um lugar muito diferente – disse Armitage. Perto dali, Reiko sorriu. Ele acenou para ela e olhou para a porta do cômodo. – Hora de ir, meninas. Me deixem orgulhoso.

Mira começou a andar em direção à porta e descobriu que o alívio que sentia era uma ironia. Até agora, ela tinha conseguido seguir seu plano. Ninguém parecia saber que ela havia plantado aquela última combinação. Ninguém parecia saber que ela tinha visto o que estava na sala do outro lado do corredor. Essas eram vitórias... mas ela tinha a sensação de que não tinha enfrentado o pior do que Baía Invernal – ou Armitage, é claro – reservava para ela.

Mas, pensando bem, não importava, não é mesmo? Ela tinha chegado a um ponto sem volta agora, e tinha que seguir em frente. Não tinha outro jeito. Pelo plutônio, valia a pena assumir todo o risco.

NECESSIDADES

AS DUAS MENINAS ESTAVAM na proa do velho barco, em meio aos roncões dos Submotores, olhando para as sombras à frente.

– Suponho que seja por aqui – disse Mira, tentando não parecer aturdida, mas quase certa de que não estava se saindo muito bem.

– Acho que é um bom chute, sim – respondeu Reiko, meio perdida também.

Elas estavam avançando havia mais de uma hora pelos Submotores. O lugar não era maior do que a cidade acima, mas, como tinham que andar a esmo por ali, estavam levando muito mais tempo do que deveriam. Não havia caminhos retos naquela escuridão. Era preciso saltar sobre os vários barcos e plataformas, indo às vezes no sentido contrário ao pretendido. Mesmo assim, no final, elas começaram a ver os barcos rarearem até não haver mais nada além de água negra e uma forma redonda gigantesca assomando na escuridão à frente, como uma espécie de monólito enferrujado.

As lanternas revelaram que se tratava da ponta de um cilindro de aço maciço, com as laterais se estendendo a perder de vista em ambas as direções. Quando apontaram o foco das lanternas para o alto, viram onde aquilo atravessava o “teto” dos Submotores, cerca de três metros acima. Uma única ponte fazia a ligação com o navio-tanque, que terminava numa porta de aço.

As garotas olharam para a ponte, hesitantes, dando-se conta da realidade. Antes, a Máquina era um objetivo arbitrário e intangível, talvez algo que nem sequer existisse de verdade, e a ansiedade de

Mira tinha se restringido ao medo que sentia de Armitage. Mas agora, olhando para a Máquina no escuro, diante do tamanho e da extensão daquilo... fosse o que fosse, tudo parecia muito mais imediato. E sinistro.

Em que diabos ela tinha se metido?!

– Você esteve na sala, viu a cadeira – afirmou Reiko casualmente ao lado dela. – Deixou a porta entreaberta... Deve ter corrido de lá como louca. – A voz da garota era calma e cadenciada, sem nenhuma indicação de ameaça ou malícia, mas Mira sentiu o sangue gelar mesmo assim. Ela não tinha como saber quais eram as intenções da garota. Mira ainda era valiosa para seu chefe – ela estava com os artefatos –, e de acordo com Armitage, ela era a única pessoa que poderia conseguir o que ele queria. Mesmo assim, ela tinha visto muito mais do que deveria.

– Você deve precisar mesmo desse plutônio.

Mira engoliu em seco.

– Por que está dizendo isso?

– Você teve chance de ir embora. Não aproveitou. Mesmo vendo o que viu.

– É isso que você teria feito? – Mira perguntou, tentando esconder o tremor na voz.

Reiko encolheu os ombros no escuro.

– Não sei. Não sei por que você precisa do plutônio, mas, seja qual for a razão, a verdade é que quer demais essa coisa. Isso vai acabar estragando tudo.

– Já me disseram isso. – Mira sentiu o desespero se insinuando sob o medo. Era mais ou menos o que Olive tinha dito. Ela fitou Reiko, que a olhou por sobre o ombro.

– Suponho que não vá me deixar escapar pela porta dos fundos, vai?

Reiko sorriu e balançou a cabeça, numa negativa.

Mira assentiu. Não tinha importância; já tinha feito sua escolha uma hora atrás.

– Isso não incomoda você? Trabalhar para alguém como ele?

O olhar de Reiko endureceu.

– Você não sabe quem se sentou naquela cadeira ou por quê. Às vezes é preciso fazer escolhas difíceis. Às vezes as pessoas precisam de um incentivo para fazer a coisa certa.

– É isso o que ele diz a você? É assim que justifica o descarte de corpos no lago?

– Você não me conhece. Nem conhece Armitrage.

– Conheço o suficiente. Sei que pensa nele como um pai, mas a verdade é que ele roubou o pouco que resta da sua juventude, mandou-a para um lugar brutal onde aprendeu coisas brutais e voltou como uma espécie de ferramenta para ele usar. E sabe o que mais? Sei que, se você não tivesse ido para os Hélices Brancas, se tivesse dito não a ele, acabaria voltando para as mãos dos mesmos caras com quem seu irmão a abandonou.

A faca de Reiko saiu com tanta rapidez e suavidade da bainha que a única coisa que os sentidos de Mira registraram foi a sensação súbita da lâmina fria contra sua garganta. Ela não disse nada, apenas tentou sustentar o olhar de Reiko.

A menina oriental estudou-a com um olhar indecifrável.

– Você não me conhece. E não o conhece – ela repetiu lentamente. Apenas o ardor sob a voz suave revelava que a garota estava sentindo alguma emoção sob a superfície. Ela olhou para Mira por mais um segundo, em seguida apontou para a ponte. – Temos trabalho pela frente.

A faca brilhou ao ser devolvida à bainha e Mira se virou, sentindo o coração martelar no peito. O que era novo? Desde que saíra da

Cidade da Meia-Noite, Mira estava sob o fio de uma navalha, tentando manter tudo sob controle sem desmoronar. A sensação de que o chão estava prestes a ruir embaixo dela era uma constante agora. Tudo o que ela fazia era tentar uma jogada desesperada atrás da outra, e a pior parte era não ver nenhuma luz no fim do túnel. Ainda não.

Se conseguisse aquele plutônio...

Talvez Reiko e Olive estivessem certas, talvez ela quisesse demais aquele plutônio, mas isso não mudava nada. O plutônio era o que ela precisava, o que ela tinha de ter, e iria continuar até conseguir... ou até morrer.

CONFIANÇA

A PONTE BALANÇOU perigosamente quando Mira pisou sobre ela, com Reiko em seus calcanhares, e andou até a porta de entrada do gigantesco cilindro. Mesmo tão perto, a grande engenhoca ainda se perdia de vista, desaparecendo na escuridão além do alcance das lanternas. No entanto, a porta em si era, no mínimo, decepcionante. Era apenas uma porta, grande, maciça, mas nada mais do que isso. De algum modo, porém, isso tornava ainda mais sinistro o que as esperava do outro lado...

As duas garotas olharam para a porta com cautela.

– Vá na frente – entoou Reiko.

Mira franziu a testa e segurou o trinco, forçou-o para baixo e começou a empurrar a enorme escotilha para dentro.

Era tão pesada que mal se moveu. Reiko juntou-se a ela, empurrando também, e as antigas dobradiças enferrujadas gemeram quando a coisa toda foi se escancarando para trás, revelando uma absoluta escuridão mais além.

As garotas hesitaram, fitando as sombras. Então, juntas, entraram no interior da Máquina.

A escuridão era espessa e tangível. Os passos das duas ecoavam de um jeito estranho enquanto avançavam.

Mira se sobressaltou ao ouvir de repente uma série de estalos altos. A cada som, uma faixa circular de luzes fluorescentes se acendia, uma após a outra, subindo pelo enorme cilindro até chegar ao topo. Algumas delas soltaram faíscas e se apagaram. Outras continuaram apagadas, depois de passar muito tempo assim, mas a

maioria funcionou e encheu o interior do cilindro com um zumbido de eletricidade.

Mira ficou tensa, esperando explosões, jatos de lasers ou um pêndulo gigantesco no formato de lâmina afiada, pelo que ela sabia... mas nada disso aconteceu.

Apenas o zumbido das luzes.

As paredes eram circulares, uma combinação de metal polido e ferrugem, e havia outra coisa, Mira notou. O interior da máquina era menor do que o exterior. Havia uma diferença entre as paredes interiores e exteriores. Uma grande diferença. O espaço entre elas era, provavelmente, onde ficava a parte hidráulica da Máquina.

O chão era de metal como as paredes, e, o mais impressionante, no centro havia uma coluna gigantesca cheia de ranhuras, como uma enorme engrenagem que saía do chão e se estendia até o teto, a seis metros ou mais acima delas.

Fora isso, a enorme sala estava completamente vazia. Mira não sabia bem o que pensar.

Reiko se afastou um pouco mais, e Mira tirou a mochila do ombro e deixou-a cair na frente da porta. Ela gemeu quando começou a se fechar, mas encostou na mochila e se manteve entreaberta. Reiko voltou-se para Mira e olhou-a com curiosidade.

– Estou supondo que a porta seja o gatilho – explicou Mira. – Quando ela se fecha, o que quer que vá acontecer... provavelmente acontece.

Reiko refletiu um instante, concordou com a cabeça, em seguida olhou ao redor. Mira avançou cautelosamente, os olhos examinando as paredes. Elas não eram tão lisas quanto tinha pensado. Eram painéis individuais de metal, e era possível ver as emendas. Havia algo mais também: ranhuras retangulares quase imperceptíveis, de

todos os tamanhos e comprimentos. Parecia que podiam se abrir, mas não havia nenhuma indicação do que havia por trás.

– Olhe ali – disse Reiko atrás dela. A menina estava examinando a imensa coluna toda recortada, no centro da sala. Ela apontou para algo ao longo do seu comprimento. Mais ranhuras que podiam abrir e fechar, mas, ao contrário das que havia nas paredes, essas eram todas circulares. A visão aumentou o nervosismo de Mira.

– Há mais nas paredes – Mira respondeu. – Seja o que for, a coisa vai vir dali.

– Pode apostar – respondeu Reiko.

Mira analisou a sala em mais detalhes. Seus instintos lhe diziam que havia algo errado naquilo tudo. Algo no próprio ambiente não fazia sentido. Ela tentou forçar a mente a fazer a conexão e descobrir o que era. Levou apenas um segundo.

– Se este lugar realmente matou dezenas de pessoas – ela disse lentamente –, onde estão os corpos?

Reiko estudou o piso impecável da Máquina, concordando com Mira.

– Tem razão. Putz, não tem nem poeira neste chão. – Ela circulou pela sala até a porta, pensando. – Estamos na parte leste da cidade, acho.

– E daí?

– Olhe para cima – disse ela. Mira olhou, observando o teto muito acima delas. – Essa coisa vai muito além da superfície; é alta demais para não ir. Existe apenas um edifício alto o suficiente para contê-la.

A resposta ocorreu a Mira.

– Aquela torre escura. A Torre do Quórum.

Reiko assentiu.

– Pelo menos você presta atenção. – Ela parou na frente da mochila de Mira, ainda calçando a porta aberta.

Mira estreitou os olhos e observou a garota.

– Quando tivermos acabado aqui, quando vencermos esta coisa e tudo já tiver nos devidos lugares, Armitage quer que você me mate, não é?

A única reação de Reiko foi sorrir.

– Será que isso importa?

Depois de um instante, Mira deu de ombros.

– Acho que não. Isso não muda o fato de que, depois que a porta se fechar, a única maneira de sair daqui é por cima.

– Exatamente – respondeu Reiko. – Se quisermos sobreviver neste lugar, temos de confiar uma na outra. Tudo que veio antes da Máquina, tudo o que vier depois... não significa nada. Pode esperar.

– Mira podia ouvir a sinceridade na voz da garota. Não importava o que Reiko pudesse ser, ela dizia o que pensava. – Aqui, agora, cuidamos uma da outra. Combinado?

Mira sustentou o olhar de Reiko, então disse simplesmente:

– Combinado.

Elas olharam uma para a outra por mais um instante...

... Reiko então chutou a mochila de Mira, fazendo-a deslizar pelo chão na direção dela.

A porta se fechou com um estrondo sinistro e Mira reparou em algo novo. Não havia nenhuma trava do lado de dentro, nenhuma maneira de abri-la. Elas não voltariam pelo mesmo caminho. Estavam confinadas ali agora.

Ela pegou a mochila enquanto, ao redor delas, a Máquina começava a rugir...

A MÁQUINA

MIRA INSTINTIVAMENTE DEU UM PASSO para trás quando o lugar todo sacudiu: as laterais, a parte de cima, a parte de baixo; até o ar parecia estar vibrando. O problema era que a porta estava fechada, o teto era muito alto e não havia por onde pudessem subir ou em que se agarrar.

Estavam presas. Não havia por onde sair.

O rugido aumentou em meio a outros sons: cliques e rangidos de coisas metálicas se movendo por trás das paredes; gemidos e assobios da parte hidráulica; um baque estrondoso, estranho e profundo, que ela podia sentir nas entranhas e parecia crescer a cada estocada. O chão sacudiu sob os pés de Mira, fazendo suas pernas vibrarem. Ela podia ver as paredes chacoalhando. Então arquejou e cobriu os ouvidos quando um guincho alto e agudo encheu o interior da Máquina, como unhas gigantes num quadro-negro.

Era a enorme coluna central da sala ganhando vida. Mira e Reiko olharam para ela em choque, quando a coluna começou a girar, lenta e vigorosamente. Perceberam que ela não apenas “parecia” uma engrenagem gigante. Era exatamente isso! A geringonça provavelmente era a engrenagem central da toda a máquina.

– Bem... – comentou Mira, com os olhos arregalados. – Já está acontecendo.

As fendas retangulares nas paredes se abriram com um estalo, em volta de toda a sala. Blocos espessos de metal enferrujado deslizaram para fora, todos de tamanhos diferentes, produzindo

centenas de pequenos degraus por toda a Máquina, de cima a baixo. Que diabos deveriam fazer com aquilo? Escalá-los ou...

O chão de repente balançou sob os pés de Mira. Para a frente e para trás.

Seus olhos se estreitaram. Havia algo errado naquilo e Mira sentiu um arrepio quando descobriu.

– Tire os pés do chão! – ela gritou, as mãos já procurando uma combinação de artefatos na tira do peito. Reiko olhou para ela. – É oco!

Reiko não hesitou, tocou dois dedos juntos. Um clarão amarelo surgiu e ela saltou para cima como um foguete, girando no ar e pousando graciosamente numa das saliências que se projetavam da parede muito acima.

Mira nem teve tempo de admirar o movimento. Cliques altos ecoaram debaixo de seus pés.

Ela arrancou do pescoço um dos seus Vórtices Gravitacionais e jogou-o com tudo no chão. O frasco de vidro estilhaçou, produzindo um clarão e um zumbido. Fragmentos de luz explodiram numa esfera em torno de Mira, ao mesmo tempo que a arrancavam violentamente do chão, fazendo-a flutuar no ar, sem peso...

... justamente quando o chão começou a se abrir, em seções.

O assoalho era composto de uma série de anéis concêntricos, que se moviam em direção ao centro da sala, articulados de alguma forma que Mira não conseguia ver direito. E todos estavam se abrindo, um após o outro, desaparecendo, deixando no lugar apenas uma escuridão absoluta. Era um buraco. Do tipo que não se pode mais sair.

Mira supôs que agora tinham descoberto o que havia acontecido com todos os corpos.

Mira flutuava no vazio, a salvo de cair no buraco, mas nada além disso. O Vórtice Gravitacional criava uma esfera de gravidade zero ao seu redor, mas ela não tinha como se mover dentro dela.

– Bucaneira! – Reiko gritou lá de cima.

Mira olhou para cima e viu a garota agachada numa saliência. Uma ponta da sua corda voou para baixo e Mira segurou-a enquanto caía. Reiko enrolou-a em volta da saliência, prendendo-a ali, e Mira começou a subir por ela.

Seu peso voltou com tudo quando ela atravessou a borda do Vácuo Gravitacional, que perdia seu efeito, mas ela agarrou a corda, subiu por ela e, finalmente, alcançou uma das saliências.

Mira se sentou na saliência e soltou a corda. Então olhou para baixo. O chão era um buraco negro gigante agora, esperando para engoli-las quando caíssem. O que a levava de volta à mesma pergunta: o que, afinal, deveriam fazer ali?

– Olhe! – A voz de Reiko novamente. Mira apontou para algo na parede mais distante, quase no nível dos olhos.

Um botão vermelho brilhante, aceso. Estava bem em cima de uma das saliências. Abaixo dele, perto do piso agora ausente, havia outro botão vermelho idêntico, um pouco acima de uma saliência semelhante.

Armitage tinha razão. Eram necessárias duas pessoas para desarmar a Máquina.

– Quer apostar quanto que precisamos acionar os dois ao mesmo tempo? – Mira gritou para Reiko sobre o zumbido alto da máquina.

– Não seria tão divertido se fosse diferente – Reiko gritou de volta.
– Vou dar um jeito de chegar até lá...

A garota parou abruptamente quando a saliência em que estava de pé de repente se retraiu, embutindo-se mais uma vez na parede.

Reiko reagiu instantaneamente, saltando para outra saliência ali perto, num clarão roxo.

Ao redor de toda a sala, o fenômeno se repetiu. As saliências começaram a sair e entrar na parede, sem parar.

– Ah, mas que maravilha... – praguejou Mira. Ela tinha uma ideia do que estava por vir. A própria saliência em que estava começou a se recolher para dentro parede.

Saltou em direção a outra, mais abaixo, mas ela não era uma Hélice Branca. Mira caiu como uma pedra, bateu na saliência e lutou para se manter na superfície lisa de metal.

Por pouco não conseguiu içar o corpo e subir na saliência... mas, então, sentiu a nova saliência começando a se retrair também.

Fez uma careta, saltou mais uma vez, aterrissou em outra plataforma, mas então, esta também se moveu. Estava se retraindo porém mais devagar. Mira tinha segundos.

Procurou pelos dois botões, encontrou-os e notou algo perturbador. As saliências embaixo de cada um deles estavam se retraindo e se projetando alternadamente. Isso significava que ela e Reiko não poderiam ficar sobre as saliências ao mesmo tempo, para apertar os botões.

Aquele lugar não estava facilitando as coisas para elas.

A saliência de Mira estava prestes a desaparecer. A outra mais próxima estava acima dela. Mira saltou para essa.

Suas mãos agarraram a plataforma e ela tentou içar o corpo, mas dessa vez escorregou e se viu com os pés balançando na escuridão abaixo. A saliência começou a se retrair, assim como as outras. Não havia mais tempo para saltar e, mesmo que houvesse, ela não tinha forças.

Engolindo em seco, olhou para baixo. Então fez a única coisa em que conseguiu pensar. Solto as mãos.

Enquanto caía, o vazio negro passando por ela, Mira soltou dois artefatos das tiras, cada um com uma mão. Dínamos. Em cada combinação havia uma caneta esferográfica retrátil, a melhor maneira, na visão de Mira, de se fazer um interruptor liga-desliga.

Ela clicou as duas canetas com os polegares. Viu-se um clarão e os dois artefatos que Mira segurava instantaneamente transformaram seus punhos em poderosos ímãs, que se fixaram com força na parede da Máquina, interrompendo sua queda.

Mira soltou um gemido, quando todo o seu peso recaiu sobre os ombros e pulsos, e seu corpo se chocou contra a parede, sustentado pelas mãos magnetizadas.

– Bucaneira, vamos nessa! – Reiko gritou contrariada. A menina saltou sobre as saliências em movimento mais acima, deixando um rastro de luz azul por onde passava. Mira olhou para a garota com inveja, em seguida começou a subir.

Seguindo um padrão, ela clicava no botão de uma caneta para desativar o seu efeito magnético, reposicionava a mão, clicava no botão novamente, fixava-se no lugar e repetia o gesto com a outra mão. Fazendo isso, conseguiu se mover ao longo da parede metálica, usando os Dínamos para dispensar completamente o sistema de retração das saliências, que entravam e saíam da parede. O problema é que os Dínamos eram poderosos, o que significava que seu efeito tinha curta duração. Ela só esperava que durasse o suficiente para que alcançasse o botão vermelho, uns três metros acima.

Mira subiu mais, escalando a superfície lisa, até finalmente chegar ao botão. Plantou os pés na parede e clicou na caneta da mão direita, liberando-a do efeito do Dínamo.

– Agora! – gritou. Instantaneamente viu Reiko disparar, num borrão pelo ar, em direção ao botão de cima.

Ao mesmo tempo que a garota dos Hélices, Mira socou a bolha de plástico vermelho com o punho...

... e, então, as duas sentiram um solavanco quando uma buzina de ar estrondosa ecoou pela câmara da Máquina. O som era tão alto e dissonante que fez seus ouvidos tinirem.

De trás das paredes veio um barulho de mecanismos hidráulicos se desligando e mergulhando a sala em silêncio. As saliências ao redor passaram a se mover mais devagar até parar completamente onde estavam.

Bem a tempo! Ela podia sentir que os Dínamos estavam quase perdendo o efeito. Clicou para desligá-los e se jogou numa saliência cerca de dois metros mais abaixo, por pouco não rolando e caindo no buraco. Estava viva. Sobrevivera ao primeiro teste da Máquina, mas tinha a sensação de que ainda não enfrentara o pior. A coluna gigantesca no centro ainda estava girando e havia algo novo agora. As portinholas circulares que tinham visto antes se abriram, revelando vazios negros que se estendiam por todo o comprimento da engrenagem giratória.

Enquanto Mira observava, a dúvida sobre o que as portinholas continham foi sanada. Coisas se projetaram para fora delas enquanto a coluna girava: hastes metálicas longas e chatas, como pás ou lâminas.

Dezenas delas, preenchendo o centro da sala, chicoteando o ar poderosamente em velocidades diferentes, transformando, em segundos, o interior da Máquina num labirinto de aço em movimento. Mira se abaixou rápido quando uma passou por ela, açoitando o ar e quase decapitando-a.

– Filha de uma...

– Ali! – Reiko apontava para um ponto na lateral da coluna, a meio caminho do teto. Mais dois botões vermelhos, girando em

extremos opostos da imensa engrenagem.

Elas tinham que saltar sobre as lâminas, Mira constatou. Precisavam se segurar, escalar a coluna, alcançar os botões, tudo enquanto as lâminas giravam e a gravidade as puxava para baixo.

Mira suspirou. Pelo menos de tédio não ia morrer...

Puxou do bolso uma das combinações de artefatos menores que tinha feito: o Aleve pendurado na corrente de prata. A maioria das pessoas usava o Aleve na mochila, para deixá-la mais leve, mas Mira tinha feito a combinação para outra coisa. Para deixar seu próprio corpo mais leve.

– O que está esperando, Hélice? – Mira gritou enquanto passava a corrente de prata pelo pescoço e deixava o Aleve cair dentro da camiseta. Enquanto ele estivesse em contato com a pele, seu peso corporal seria reduzido a uma fração, e essa provavelmente seria sua única chance de escalar aquelas lâminas sem Dínamos ou os anéis de Antimatéria dos Hélices Brancas. – Aposto que chego ao topo primeiro.

– Apostado! – Reiko gritou, soltando-se em seguida, num clarão roxo, em direção a uma das lâminas metálicas. Agarrou-a, saltou para outra e começou a descer, passando de lâmina em lâmina.

Mira saltou para uma lâmina giratória e passou os braços em torno dela. Era uma peça plana de metal grosso, mas para alívio de Mira as bordas não eram afiadas. Ainda assim, não era nada fácil segurá-la, mesmo com o Aleve.

O mundo ao redor era um borrão de ferrugem e luz fluorescente, enquanto as paredes giravam em torno dela a toda velocidade. Mira podia sentir a inércia e a gravidade tentando arrancá-la da lâmina, mas o Aleve neutralizava esse efeito. Até certo ponto.

Outra lâmina voou em sua direção, girando sem controle. Mira cronometrou, estendeu a mão e agarrou-a, deixando que a levasse

para longe. Com seu peso reduzido, ela mal sentiu o impacto e já se agarrou a outra que passava.

Acima dela, Reiko saltava e girava o corpo no ar em torno de uma das lâminas, como um ginasta nas barras paralelas. Mira franziu a testa ao ver como a garota fazia aquilo parecer fácil.

O botão vermelho brilhava logo acima, onde a lâmina de Mira desaparecia na coluna. Reiko já estava lá. Tudo o que ela tinha que fazer era...

Mira se soltou quando outra lâmina voou em sua direção, quase se chocando contra ela. O espaço entre as duas era tão pequeno que não dava para Mira simplesmente se abaixar, então ela agarrou a parte superior da lâmina e se encostou à parte inferior, segurando-se a ela, com os pés balançando no ar.

Ela estava mais leve agora, por isso os braços aguentavam seu peso, mas o espaço abaixo estava coalhado de lâminas giratórias. Mira encolheu os joelhos quando uma passou zunindo e envolveu com as pernas a lâmina acima dela.

Mira tinha que chegar àquele botão, mas não podia ir daquele jeito até o topo; não havia espaço. Fez uma expressão preocupada. Teria que fazer isso a partir de baixo, então.

Abraçou a lâmina com força e começou a deslizar lentamente em direção à coluna, pendurada ali.

Reiko passou num borrão amarelo.

– Bucaneira, vai logo! – A menina estava quase lá, pronta para acionar seu botão.

Mira chegou ao final da lâmina. O botão estava um pouco acima.

– Três... dois... um... – ela gritou. – Agora!

Reiko voou para a frente, do outro lado. Mira rolou o corpo para a parte de cima da lâmina... e socou a bolha vermelha, ao mesmo tempo que Reiko golpeava a dela.

Outra buzina ensurdecadora ecoou pelo interior da câmara e Mira ficou exultante. Não é que tinham conseguido?...

Uma lâmina bateu com tudo em Mira e mandou-a pelos ares. Ela caiu gritando, chocou-se contra outra lâmina, ricocheteou e mergulhou em direção ao buraco negro, com sua boca escancarada mais abaixo...

Então sentiu um solavanco quando Reiko agarrou-a numa centelha de azul e pousou-a de algum modo numa das lâminas presas à parede. Arquejante, Mira fitou a garota. Reiko olhou para trás com a testa franzida.

– Fica me devendo uma... – disse ela.

As lâminas começaram a se retrair, voltando a entrar com um clique nas portinholas da coluna e desaparecendo lá dentro. Em menos de um minuto, não havia mais nada.

Mas isso não durou muito tempo.

Ao redor delas, outras portinholas se abriram nas paredes. Uma série de estalos altos como tiros sacudiu a Máquina e as duas garotas se encolheram quando coisas começaram a saltar para fora de lá.

Cabos, fortes como aço, dezenas deles, dispararam das paredes e se conectaram às portinholas paralelas da gigantesca engrenagem em rotação, prendendo-se a elas. Ouviu-se um lamento estrondoso quando os cabos se retesaram e começaram a se enrolar na coluna giratória.

Mira e Reiko observaram atordoadas, enquanto as paredes da máquina começavam a se aproximar, puxadas pelos cabos grossos da grande engrenagem no centro da sala.

O chão começou a desaparecer à medida que as paredes se moviam.

As duas garotas saltaram em direção à única opção que lhes restava: os cabos que enchiam o interior da câmara.

Mira agarrou um deles, mas não havia nada para ajudá-la a içar o corpo. Era como se segurar numa corda de aço, com os pés balançando descontroladamente.

Reiko agarrou outro cabo e girou o corpo em torno dele, usando-o para se projetar para cima e alcançar mais um.

Ao redor de Mira, as paredes estavam se aproximando. Devagar, mas sem nunca parar. Era bastante óbvio que elas só tinham alguns minutos antes que a Máquina as esmagasse. A não ser que fosse desativada. Mas como?

A resposta estava no topo da câmara, quem não parava de sacudir. Mira viu dois outros botões vermelhos dispostos um ao lado do outro, no centro do teto. Ela tinha que chegar lá rapidamente. Reiko estava quase na metade do caminho.

Mira soltou o cabo com uma das mãos. Se não fosse o Aleve, não teria conseguido de maneira nenhuma sustentar seu peso. Das tiras atravessadas no peito, ela pegou um Gravitron – uma combinação grande e complicada, de quatro camadas –, e quebrou com o polegar o frasquinho de vidro cheio de limalha de ferro. Outro clarão, outro zumbido.

Enquanto o artefato de Vórtice Gravitacional anulava a gravidade, os Gravitrons invertiam sua atração por completo. O ar ao redor de Mira vacilou numa esfera dourada brilhante e repentina... então, sob o efeito do artefato, ela foi lançada com toda a força em direção ao teto. Gemeu quando uma onda intensa de náusea a atingiu.

O Gravitron, combinado com o Aleve, afetava muito o equilíbrio dela, mas Mira não tinha escolha. Felizmente, a necessidade de se esquivar do labirinto de cabos enquanto o artefato a forçava para cima foi suficiente para fazê-la se esquecer da náusea.

Acima dela, Reiko alcançou o cabo mais alto da sala e se empoleirou nele, olhando para Mira, impaciente.

Mira passou entre os cabos, puxando alguns e empurrando outros, depois voou para cima até bater com tudo no teto metálico. Largou o Gravitron e o deixou flutuar até o topo e ficar ali, tentando atravessá-lo. Mira não tinha que tocar o artefato para ativar seu efeito de manipular a gravidade, bastava ficar próxima para que ele a mantivesse presa, de cabeça para baixo, no teto.

– Pronta? – Reiko perguntou, com os olhos fixos nos botões vermelhos.

Mira assentiu.

– Agora! – Reiko saltou do seu cabo em direção a um dos botões. Mira estendeu a mão para o outro...

... mas algo faiscou, produzindo um semicírculo de luz escura em torno de cada botão. As mãos das garotas bateram nos campos de força e foram repelidas.

Mira tentou novamente. Assim como Reiko, mas a energia escura ainda estava lá e parecia impenetrável. Era como tentar atravessar uma parede.

Mira fitou o botão sem acreditar. Ela tinha visto campos de proteção como aquele, muitos deles, de fato, mas ali não fazia sentido. Não naquele lugar.

Reiko saltou e pousou em outro cabo, enquanto as paredes continuavam se fechando.

– São Barreiras! – Mira gritou para ela, perplexa. – Campos de força... produzidos por... combinações de artefatos!

Os olhos de Reiko se arregalaram.

– Isso é... isso não é possível! – Ela tinha razão. A questão era que, em toda a Baía Invernal, os artefatos eram proibidos. Então, como a Máquina tinha dois deles protegendo seus botões?

As paredes trovejavam em torno delas, continuando a se aproximar, cada vez mais. Elas tinham segundos agora.

– O que vamos fazer? – Reiko gritou, com uma nota de pânico na voz.

– Posso desativá-los. Acho... – Ela pegou a mochila e começou a vasculhá-la, rezando para que tivesse o que precisava, mas sabendo que eram poucas as possibilidades...

Revirou todos os artefatos e combinações ali dentro, procurando com o tato e os olhos.

– Bucaneira! – Reiko gritou em alarme. As paredes estavam a poucos metros de distância, cada vez mais próximas, ameaçando esmagá-las contra a engrenagem giratória no centro do que restava da câmara.

As mãos de Mira encontraram algo! Parecia a coisa certa. Seu coração batia freneticamente enquanto ela puxava o objeto da mochila.

Outra combinação, feita com uma pilha dupla A, quatro moedas pequenas, uma porca sextavada, um pedaço de fio de alumínio e uma lampadazinha presa entre camadas de fita adesiva.

Mira soltou um suspiro de alívio. Era um Retificador. O que ela precisava.

As paredes se aproximavam...

Mira segurou a coisa no alto, aproximando-a dos dois botões ao mesmo tempo que tirava o Gravitron do caminho, só por precaução. O ar brilhou e vacilou quando ela fez isso, como água ondulando depois que se atira uma pedra. Os campos de energia flamejaram de novo e começaram a obscurecer.

O Retificador fazia apenas uma coisa: neutralizava os efeitos de outros artefatos e combinações, e este estava desativando as

Barreiras. Mira viu quando ambos os campos de energia começaram a sumir bem devagar.

As paredes continuavam se unindo, agora a ponto de esmagá-las. Mira podia senti-las ao seu lado, podia sentir a engrenagem girando a poucos centímetros de distância agora.

As barreiras esmaeceram um pouco mais... e então explodiram em fragmentos com centelhas de luz negra.

Estavam neutralizadas. Elas podiam apertar os botões.

– Reiko! – Mira gritou. A garota se lançou através da câmara mais estreita da Máquina.

Mira bateu num dos botões vermelhos enquanto Reiko se chocava contra o dela.

Outra buzina encheu ruidosamente o ar, dessa vez mais longa e mais alta.

A Máquina sacudiu violentamente. As paredes continuaram avançando para dentro, pressionando Reiko e Mira em direção à enorme engrenagem giratória, prestes a triturá-las...

De repente tudo parou.

A Máquina soltou um lamento triste quando o motor desligou. As paredes começaram a se retrair, desenrolando-se dos cabos em volta da engrenagem central. O piso, muito abaixo, voltou à posição inicial, cobrindo o buraco. As portinholas em toda a câmara estavam se fechando.

Um novo piso apareceu abaixo das garotas, quando lâminas de metal se fecharam em torno da engrenagem central, como a veneziana de uma janela, bloqueando a visão da câmara mais abaixo.

Reiko pousou sobre ela agachada, olhando ao redor com cautela. Mira arrastou-se para fora da esfera do Gravitron e caiu no chão

também. Havia agora uma pequena câmara estreita na parte superior da Máquina. O teto estava apenas meio metro acima delas.

As meninas se entreolharam, respirando pesadamente. Estavam arranhadas, doloridas e exaustas... mas nada além disso. Tinham conseguido. Haviam vencido a Máquina. Uma Bucaneira e uma desertora dos Hélices Brancas.

Apesar de tudo, Mira sorriu para Reiko. Reiko sorriu de volta...

A camarazinha tremeu quando a coluna central vibrou... e então metade dela começou a girar sobre si mesma como uma porta giratória, revelando uma escada para baixo. Mira e Reiko olharam para ela com curiosidade. Muito provavelmente, a escada iria levá-las de volta para o fundo, onde a porta por onde tinham entrado provavelmente se abria outra vez.

Mira, no entanto, tinha a sensação de que não deveriam voltar a descer.

– E agora? – perguntou Reiko.

– Boa pergunta.

Acima delas, o teto começou a sacudir, espalhando ferrugem como neve. Era feito de painéis individuais, e todos de repente começaram a se retrair, afastando-se do centro. Havia algo do outro lado, um compartimento maior, e Mira e Reiko prepararam-se para o que quer que houvesse ali.

O ID

OS PAINÉIS DO TETO deslizaram para baixo e os dois últimos botões vermelhos, agora apagados, moveram-se com eles até perto do chão, em extremidades opostas de uma nova câmara, maior. A pouca iluminação vinha das paredes, e ao olharem ao redor viram por quê. Elas eram feitas de vidro, janelas amplas que se arqueavam num círculo ao redor de todo o interior. As luzes frias piscantes de Baía Invernal estendiam-se além e abaixo, cercadas pela escuridão invasora do lago.

Elas se encontravam na torre do Id, assim como Reiko adivinhara, e a constatação era estranha. Mira lembrou-se de estar, dois dias antes, na companhia de Reiko, olhando para aquele lugar, do alto do distrito comercial. Ela não tinha nenhuma maneira de saber, na ocasião, que estava olhando exatamente para o lugar onde iria acabar.

Reiko aproximou-se das janelas e Mira a seguiu. Daquela altura a vista era tranquila. Mira viu pessoas deslocando-se pelas ruas, a agitação do distrito comercial e, em certos lugares, bolsões de luz piscante que só podiam ser os Paredões da Memória.

– É quase bonita – Reiko refletiu.

As duas garotas se sobressaltaram quando mais painéis se abriram no novo teto e o mecanismo hidráulico roncou, baixando algo grande, suspenso numa grade metálica feita de vigas de aço.

Raios de energia azul semelhantes a relâmpago estalavam em torno da coisa e cabos pretos grossos, centenas deles, saíam dela e desapareciam dentro das paredes. Mira e Reiko olharam para o

objeto e perceberam que, na verdade, não se tratava apenas de um objeto, mas de vários. Dezenas de objetos variados, todos reunidos numa grande forma cúbica.

Mira podia ver bobinas gigantes de fio de cobre, placas de circuitos, fileiras de pilhas D, duas maçanetas, molas, uma bola de boliche, oito baterias de carro antigas e um dormente de ferrovia, só para citar alguns. Havia outras dezenas enterradas no interior da massa de objetos, e tudo aquilo estava envolvido e amarrado com pedaços de correntes douradas e prateadas e corda vermelha, entrelaçadas em intrincados padrões sobrepostos.

Mas havia algo mais, entre os objetos. Uma argola de latão, com moedas inseridas nela, algumas com a Cara para fora, outras com a Coroa.

Moedas de prata.

– Mas que... droga é...? – Reiko parecia atordoada.

Os pelos dos braços de Mira se arrepiaram quando ela viu a coleção gigantesca de peças penduradas no teto. Só podia ser uma coisa... por mais impossível que fosse.

– Deve ser a combinação de artefatos mais complexa que já vi! Deve ter doze ou treze camadas – disse Mira, em voz baixa. – Ela usa moedas de prata. A maioria das combinações não consegue dar conta desse tipo de poder... A Interfusão não acontece. Mas... se alguém conseguisse fazê-la funcionar com essa quantidade de moedas, a combinação iria durar... – Mira parou, fazendo as contas de cabeça.

– Quanto? – perguntou Reiko.

– Décadas! – Mira disse finalmente, estudando o objeto com espanto, tentando dar sentido à combinação complicada de Essências e Focalizadores à sua frente. Mesmo para ela, era difícil

conceber uma coisa daquelas. Quem quer que tivesse feito o artefato tinha sido incrivelmente habilidoso.

Então Mira olhou para a massa de cabos pendurados, aqueles que desapareciam nas paredes e no teto.

Reiko analisou-os, também.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela, quando descobriu. – É daí que vem toda a eletricidade da cidade! – A voz de Mira era quase um sussurro.

Tudo se encaixou, então. Por mais excêntrica e ridícula que a Máquina fosse, de repente pareceu fazer sentido. Era preciso algo assim para proteger um segredo tão perigoso, o segredo de que Baía Invernal não era o que parecia. Não era o último reduto do antigo Mundo Anterior. Baía Invernal, como qualquer outro lugar, dependia dos artefatos das Terras Estranhas.

Ou, nesse caso... de um artefato gigantesco.

– Entendeu agora? – perguntou uma voz masculina envelhecida atrás delas. – Uma ideia de fato pode ser algo tangível.

Armitage estava ao lado da escada. Na mão direita segurava a maleta preta metálica que abrigava o plutônio de Mira. Seus olhos estavam fixos na combinação de artefatos. Ele devia estar esperando do lado de fora; então, quando viu que a Máquina tinha sido desarmada, subira atrás de Mira e Reiko.

– Baía Invernal foi a primeira cidade construída depois da invasão dos Confederados, mas ainda é a menor. – Armitage não olhava para as garotas; seu olhar estava fixo na enorme combinação, que ele fitava com fervor. – Enquanto a Cidade da Meia-Noite, Fausto e todas as outras crescem, temos ficado para trás por causa de uma ideia. Mas não mais, não depois de hoje à noite.

Mira sentiu-se mal quando descobriu o que ele pretendia.

– Você vai... desligá-la!

– Eu, não, Mira. – O olhar de Armitage, finalmente, voltou-se para ela. – Você. É por isso que foi contratada.

– Achei que tinha sido contratada para vencer a Máquina.

– Esta é a Máquina! – Armitage gritou. – É o Id! É tudo o que resta deles! Construíram este lugar logo depois dos Submotores porque sabiam que esses cascos enferrujados embaixo do convés não iam dar conta, e estavam certos. Então fizeram esse artefato em segredo e o esconderam atrás de uma armadilha mortal tão sádica e cruel que ninguém jamais veio procurá-lo.

– Mas por quê? – Mira exigiu saber. – Por que não dizer a verdade?

– Porque fizeram uma promessa que não poderiam manter – falou Armitage sem demora. – Prometeram que o velho mundo ainda poderia existir, e essa ideia era a fonte de seu poder. Se alguém soubesse, perderiam tudo. Então esconderam a verdade.

– Mas por que construir a Máquina como fizeram? – perguntou Reiko em seguida. Era evidente que estava tão surpresa quanto Mira. – Por que só um Bucaneiro poderia vencê-la?

– Porque não são burros. Sabiam que talvez precisassem voltar aqui algum dia – respondeu Armitage. – Fizeram uma máquina que só poderia ser desativada por uma pessoa que nunca poderia entrar na cidade sem a autorização deles.

Mira olhou ao redor da torre vazia. Havia apenas poeira agora; nada restava de quem outrora tinha habitado aquele lugar. Era triste.

– Desligue essa coisa, Mira – Armitage disse a ela. – Desligue-a e você pode ir embora deste lugar.

Mira olhou para o homem mais velho, sentindo-se insegura e em conflito.

– Sei que você viu aquela cadeira – continuou ele. – Está pensando que é para onde vai depois que tudo isso acabar, mas,

como eu disse, ser vingativo é ruim para os negócios. Posso ser um ladrão e um assassino, posso até ser um monstro, mas uma coisa que não sou é mentiroso. Você agiu corretamente comigo e eu vou agir corretamente com você. Desligue aquela coisa lá em cima e pode pegar esta maleta e ir embora daqui. Você tem a minha palavra.

Mira olhou para a maleta aos pés dele. Quase podia ver dentro dela, o plutônio aninhado ali. A única coisa de que precisava, a única coisa que importava, a única coisa pela qual tinha se sacrificado e sangrado. Ela estava totalmente ao seu alcance agora.

Mira voltou-se para a combinação, observando os raios crepitantes azuis em torno dela. Viu que a fileira de moedas de prata podia se mover, pois estava numa espécie de trilho. Se deslizasse as moedas, tirando-as do lugar, iria interromper a corrente de energia.

Quando fizesse isso... Baía Invernal ficaria no escuro.

Instintivamente, ela olhou além do artefato, para as janelas ao redor da sala. Podia ver as luzes de um dos Paredões da Memória mais abaixo. Eles deixariam de funcionar quando isso acontecesse. E, quando as pessoas lá embaixo soubessem a verdade, aqueles paredões nunca mais voltariam a funcionar. Qual era o sentido daquilo, afinal de contas? Tudo tinha sido uma mentira. Significava que o Mundo Anterior não existia mais... nem voltaria a existir.

Mentira ou não, se ela desativasse a combinação, seria a responsável por acabar com tudo – e isso a incomodava. Mira quase se surpreendeu quando se afastou.

– Não vou fazer isso – disse ela.

Armitage piscou.

– O quê?

– Não vou fazer isso – repetiu. Um nó se formou em seu estômago. – Eu acho que você está errado. Não acho que o Id tenha

construído a Máquina numa tentativa desesperada de se manter no poder. Isso é o que alguém como você faria. Acho que eles sabiam que a ideia que tinham criado aqui era mais poderosa do que qualquer outra coisa. Ela não apenas mantém a cidade funcionando, mas lhe dá esperança, dá às pessoas algo em que acreditar. E não há nada mais importante do que isso, não nos dias de hoje. – Ela olhou para a maleta no chão novamente. Sabia do que estava desistindo dela, e isso doía. Estranhamente, percebeu que Olive tinha razão. As pessoas têm seus limites. – Não vale a pena. E eu não vou fazer isso.

Os olhos azuis de Armitage se tornaram frios como aço.

– Isso é... lamentável. Você sabe a consequência, não sabe?

Mira assentiu.

– A consequência é você tentar me matar.

Armitage balançou a cabeça decepcionado e ao fazer isso puxou lentamente um grande revólver de prata de um coldre dentro do casaco. A respiração de Mira acelerou com a visão.

– Devo dizer que, quando se trata desse tipo de coisa... não se trata de "tentar".

O olhar de Reiko oscilava entre Armitage, a combinação gigantesca no teto e Mira. Ela estava dividida, sem saber o que fazer.

– Você estava errado, sabe? – Mira falou. – Sobre uma coisa.

Armitage olhou para ela, cético.

– Sobre o quê?

– Não fui só eu que venci a Máquina esta noite, fomos nós duas, Reiko e eu. Ficar dentro dela, observá-la funcionando de perto, é visão e tanto. Está bem claro que não basta ser uma Bucaneira para vencê-la. Nem mesmo dois Bucaneiros carregados de artefatos poderia ter feito o que Reiko e eu fizemos. O que significa que a

Máquina precisava de um Bucaneiro... e um Hélice Branca para desarmá-la.

Às essas palavras, a atenção de Reiko se concentrou em Mira.

– Faz sentido, na verdade – Mira continuou. – Um nível extra de segurança. Quais são as chances de se formar uma equipe assim? Dois inimigos naturais, que, em circunstâncias normais, nunca entrariam em Baía Invernal? – Mira forçou-se a sustentar o olhar de Armitage. – Você precisava de duas chaves para desativar este lugar. Para conseguir uma delas você só precisou sentar e esperar que aparecesse. No caso da outra... você precisou de uma abordagem mais direta. Encontrou uma criança, salvou-a, fez com ela o amasse, então mandou-a se tornar o que você precisava que ela fosse. Uma coisa eu tenho que admitir, você é esperto.

– Isso é verdade? – Reiko voltou-se para Armitage. – Você sabia? Armitage franziu o cenho.

– E se eu disser que sim, o que isso muda? Mandei você porque assim seria valiosa para mim, e ser valiosa para mim era o que você queria.

– Queria?! – Havia um brilho nos olhos de Reiko agora. – Você acha que eu queria tudo aquilo? Acha que eu queria passar quatro anos naquele lugar, quatro anos com eles? Eu contei como ensinavam suas habilidades, eu disse como era doloroso. Mais de uma vez. E era tudo por você. Tudo com a Estática se alastrando na minha cabeça, quatro anos em que eu poderia ter...

– Reiko! – Armitage grunhiu... e, então, lentamente reprimiu a fúria. – Essa conversa podemos ter mais tarde. Agora, se você não se importa, por favor, acabe com raça dessa Bucaneira.

Reiko encarou Armitage por mais um segundo, em seguida virou-se para Mira, que devolveu o olhar, sentindo algo por trás dos olhos quase totalmente negros da garota.

– Ouvi dizer que os Bucaneiros não entram em nenhum lugar sem um plano de fuga.

Mira sentiu um vislumbre de esperança.

– É o que dizem.

Reiko assentiu.

– Parece que você vai ficar me devendo mais uma, então. – Reiko juntou os dedos indicador e anular. Um clarão roxo flamejou ao seu redor...

– Reiko! – Armitage gritou, já levantando a arma.

Reiko brilhou num borrão em movimento na direção de Armitage. A arma disparou, mas era tarde demais. A garota voou contra ele, fazendo-o cambalear com o choque.

Mira se lançou na direção oposta.

Ouviu mais tiros, gritos, mas continuou se movendo, avançou e deslizou, até estender o braço... e bater com o punho num botão vermelho, um dos dois últimos que ela e Reiko tinham acionado, agora perto do chão.

Ele clicou, em seguida, se iluminou, ficando vermelho brilhante...

... e a Máquina, de repente rugiu, voltando à vida.

Mira ouviu um grito de fúria que só podia ter vindo de Armitage quando a combinação enorme de artefatos recolheu-se de volta para o teto, levando com ela sua massa de cabos e relâmpago azuis crepitantes.

As paredes em torno de Mira começaram a rolar para cima mais uma vez, cobrindo as janelas, ocultando a luz da cidade a distância. A coluna gigantesca se fechou... e, em seguida, começou a girar enquanto o piso se contraía, como uma íris, se afastando das paredes.

A Máquina estava se ativando, voltando a se armar. Em segundos, tudo ia começar do zero.

Mira observou o que sobrara do piso finalmente desaparecer sob seus pés, e então ela começou a cair.

Pelo canto do olho, viu Reiko e Armitage caindo também, envoltos na luz dos anéis de Reiko, que de alguma forma retardavam a descida.

Mira sacou o Flex da tira e quebrou o frasco. Houve um clarão, um zumbido... e então ela sentiu um solavanco quando a velocidade da queda diminuiu. O artefato funcionava como um paraquedas, mas, embora ele desacelerasse a queda, isso não queria dizer que Mira pousaria no chão como uma pena.

Ela caiu com um baque no fundo, ao mesmo tempo que Reiko e Armitage.

Acima, as portinholas foram se abrindo nas paredes novamente, as bordas de aço se projetando para fora.

Mira tinha apenas alguns segundos.

Ela pegou seu último artefato, o triangular, cujo gêmeo havia deixado para trás no laboratório de Armitage, e o atirou no chão, fazendo cair dali um anel metálico de moedinhas. Houve um clarão, um zumbido... e então a coisa pulsou com força.

Um buraco de luz rasgou o ar, formando um círculo luminoso e perfeito a centímetros do chão. Era um Portal, assim como o da loja de ferragens na cidade de Des Moines, mas este criava um caminho de volta para o barco de Armitage.

Mira passou por ele, então congelou ao som de mais gritos atrás dela.

Reiko lutava contra Armitage. O homenzarrão tinha caído por cima dela em sua queda, e prendido a garota no chão enquanto a Máquina continuava a pulsar.

Mira estava ficando sem tempo. Ela tinha que sair dali, fugir quanto antes. Mas...

– Merda! – xingou, correndo para o outro lado e arrancando a mochila dos ombros.

Viu Armitage levantar uma das facas de Reiko...

... e deu um impulso na mochila, com toda a força. Estava cheia de componentes de artefatos que tinha enfiado ali antes, e quando bateu na lateral da cabeça de Armitage, mandou-o voando pelos ares.

Mira agarrou a mão de Reiko e puxou-a para que se levantasse. Ela estava sangrando de um ferimento à bala no ombro.

– Não seja... idiota... – disse Reiko quando se levantou.

– Cala a boca e vem comigo! – Mira gritou novamente, puxando a garota para o Portal, apoiando o peso dela.

A Máquina vibrou e sacudiu. A coluna no centro girou. O chão vibrava sob os pés delas, prestes a se abrir. Atrás das garotas, Armitage começou a se mexer.

Mira empurrou Reiko através do Portal.

Uma bala ricocheteou perto dela.

– Toombs! – Armitage gritou com raiva.

Mira virou-se e olhou nos olhos dele enquanto ele se punha de pé, desequilibrado, a arma tremendo na mão.

– Você estava certo – disse Mira a ele. – As ideias têm um valor inestimável. – Então ela pulou através do Portal depois de Reiko.

Tudo adquiriu um tom vermelho quando Mira voou através da abertura e bateu no chão metálico da casa das máquinas do velho barco de pesca.

Do outro lado, ela ouviu o grito encolerizado de Armitage sobrepondo-se ao ruído estrondoso da Máquina.

Mira se lançou para pegar outro artefato de Portal no chão e pisou nele. Uma vez. Duas vezes.

Sem a Interfusão, a coisa se despedaçou – e o Portal cintilou, desaparecendo, deixando Armitage e a Máquina do outro lado.

Tudo ficou escuro, silencioso e estranhamente tranquilo. Mira desabou no chão de costas, arquejando. Ouviu ao seu lado alguém ofegante também. Ela virou a cabeça... e viu os olhos quase negros de Reiko.

As garotas se entreolharam, exaustas.

– Que tal chamar isso de um acerto de contas? – perguntou Mira.

Reiko assentiu.

– Por mim tudo bem.

A ESTAÇÃO CLINTON

MIRA E REIKO ESTAVAM SENTADAS sobre a muralha de calotas e pneus velhos, amarrados com cordas e arames, que circundava o distrito comercial de Baía Invernal. Fitavam o fluxo de crianças e adolescentes andando entre as barracas e lojas, e as chaminés enferrujadas, agora bem conhecidas, que se projetavam estranhamente do deque de madeira e se estendiam em direção ao céu, enfeitadas com luzinhas brancas.

O ombro de Reiko estava enfaixado. A bala de Armitage tinha atravessado o corpo da garota e ela mesma tinha feito um curativo, enquanto Mira assistia. Ainda não tinha certeza do que fazer com Reiko. Não havia dúvida de que ela já não era a mesma pessoa. Tinha salvado a vida de Mira duas vezes e traído um homem que considerava como um pai, mas Mira não estava bem certa do motivo. Seria para se vingar de alguém que abusara dela ou por achar que valia a pena salvar a cidade e a ideia que representava? Reiko não disse e Mira não perguntou. Só conseguia pensar que ambas tinham descoberto os próprios limites naquela noite.

– O que vai fazer agora? – perguntou Reiko.

Era uma boa pergunta, Mira pensou.

– Continuar procurando, acho. Encontrar o que eu preciso em algum outro lugar. A menos que vocês tenham mais plutônio escondido por aí...

– Lamento, mas não. – Reiko sorriu. – Mas podemos voltar lá para buscá-lo, se quiser.

– Acho que um tour pela Máquina foi mais do que suficiente para mim.

Mira tinha sobrevivido, era verdade, mas o que ganhara com tudo aquilo? Mesmo que os cartazes de “Procura-se” nunca chegassem a ser distribuídos por Baía Invernal, a essa altura sem dúvida já estavam espalhados pela Cidade da Meia-Noite e outros lugares, talvez até em zonas mais distantes como as Regiões Pantanosas. Os caçadores de recompensa já estariam à procura dela, o que significava que as grandes cidades estavam fora de questão. Ela teria que encontrar alguém que tivesse o que precisava num dos depósitos comerciais menores, por mais improvável que fosse. Por algum tempo teria que percorrer um caminho difícil e solitário.

– Por que você voltou para me salvar? – Reiko perguntou, e Mira pôde sentir os olhos da garota sobre ela. – Até onde você sabia, eu estava planejando te matar.

Mira tinha que admitir, aquela era um pergunta pertinente.

– Meu pai sempre dizia, “Integridade é fazer a coisa certa... mesmo quando ninguém vai ficar sabendo”. Você fez a coisa certa, Reiko, e ninguém nunca saberá. E eu já tenho coisas suficientes para me culpar.

Reiko estudou-a por um longo instante... então franziu a testa como se tivesse chegado a uma decisão que não a agradava muito.

– Você tem um mapa aí? – perguntou.

Os olhos de Mira estreitaram-se com um ar de interrogação.

– Você tem, não tem? – a garota insistiu.

Mira abriu a mochila, pegou o velho mapa dobrado do Mundo Anterior que sempre carregava, e entregou-o a Reiko. A garota o abriu, encontrou o que estava procurando... então pegou uma caneta.

Perto do centro do que antigamente chamavam de Illinois, Reiko desenhou um círculo em torno de um ponto às margens de um grande lago. Próximo a ele, escreveu: Estação Clinton.

Mira sentiu o coração dar um salto. Ela olhou para Reiko e a garota franziu mais a testa, entregando o mapa a Mira.

– Mas não precisa ficar toda sentimental por causa disso...

– Tem... tem certeza? – Mira perguntou, atordoada.

– Quem você acha que pegou o plutônio para Armitage? Tem muito lá, mais do que você pode carregar... Supondo que vá conseguir pegá-lo.

Mira sorriu, o alívio transbordando dentro dela. Nem podia acreditar. Seus planos e esperanças ainda estavam vivos, e tudo tinha partido da mais improvável das fontes.

– Valeu, Reiko. Valeu mesmo.

Reiko balançou a cabeça.

– Não fique muito feliz. Não sabe o que espera você lá. Pode acreditar, é bem pior do que as histórias que contam por aí... Falo por experiência própria.

Mira sentiu um leve arrepio, mas ele passou rápido. Não era um problema para se pensar agora. Ela olhou para Reiko.

– O que você vai fazer da sua vida?

Reiko deu de ombros.

– Sei lá... Não que eu tenha muito tempo ainda...

Ela estava certa. Provavelmente tinha menos de um ano até sucumbir. Como seria quando chegasse a vez de Mira? Quando a Estática começasse a querer assumir o controle, quando ela se tornasse uma luta diária?

– Talvez me junte a um grupo de resistentes – disse Reiko. – Lutar contra os Confederados. Quem sabe? Como é que dizem mesmo os

Mercadores do Vento? “Que os ventos nos levem para onde soprem...

– ... e não o contrário” – Mira terminou por ela.

As garotas se olharam por mais um instante, então saltaram do muro, batendo os pés no chão, enquanto pensavam uma na outra.

– Eu não sei o que você fez que agora acha que precisa compensar, Mira Toombs – disse Reiko. – Mas não pare de tentar. Quando tudo tiver acabado, só vão restar as lembranças do que fez... e do que não fez.

– Os Hélices Brancas ensinaram isso a você? – perguntou Mira.

Reiko balançou a cabeça.

– Não, eu ensinei isso a mim mesma. Esta noite.

Elas olharam uma para a outra por mais um segundo... e então se viraram para a frente e pegaram, cada uma, o seu próprio caminho, desaparecendo em direções diferentes no meio da multidão.

Mira chegou à rua principal e desceu até as balsas que a levariam de volta ao continente. Passou por um dos Paredões da Memória, brilhando e piscando como antes, enquanto dezenas de crianças assistiam às imagens. Basílica de São Pedro, edifícios espelhados em Xangai, participantes de uma maratona, mergulhadores em torno de um navio naufragado, um astronauta na Lua.

Mira forçou-se a desviar o olhar. O Mundo Anterior era inebriante, ele absorvia você totalmente, mas ela tinha que viver no aqui e agora. Precisava se manter em movimento. Tinha coisas para fazer...

Passou pelo portão principal e pela gigantesca engrenagem azul e branca pendurada acima. Ninguém olhou para ela quando entrou na balsa. A embarcação balançou quando as cordas começaram a puxá-la através das águas geladas, afastando-a de Baía Invernal.

Quando Mira olhou para trás, viu algo que não esperava.

No outro extremo da cidade, a torre se elevava, mais alta do que todas as outras do extremo leste. Ela a vira antes, de dentro e de fora, mas agora era diferente. Não era mais escura e sem vida. Luz jorrava das janelas que circundavam seu nível mais alto, brilhando... como um farol.

Mira sorriu e ficou observando até Baía Invernal desaparecer na neblina, em meio à luz do amanhecer. Então se virou e olhou para a frente, na direção de onde precisava ir. Um passo de cada vez, disse a si mesma. Um passo de cada vez...